

JORNAL DE 2^a FEIRA

JUNDIAÍ, DE 10 A 16 DE NOVEMBRO DE 1975 — N.º 19

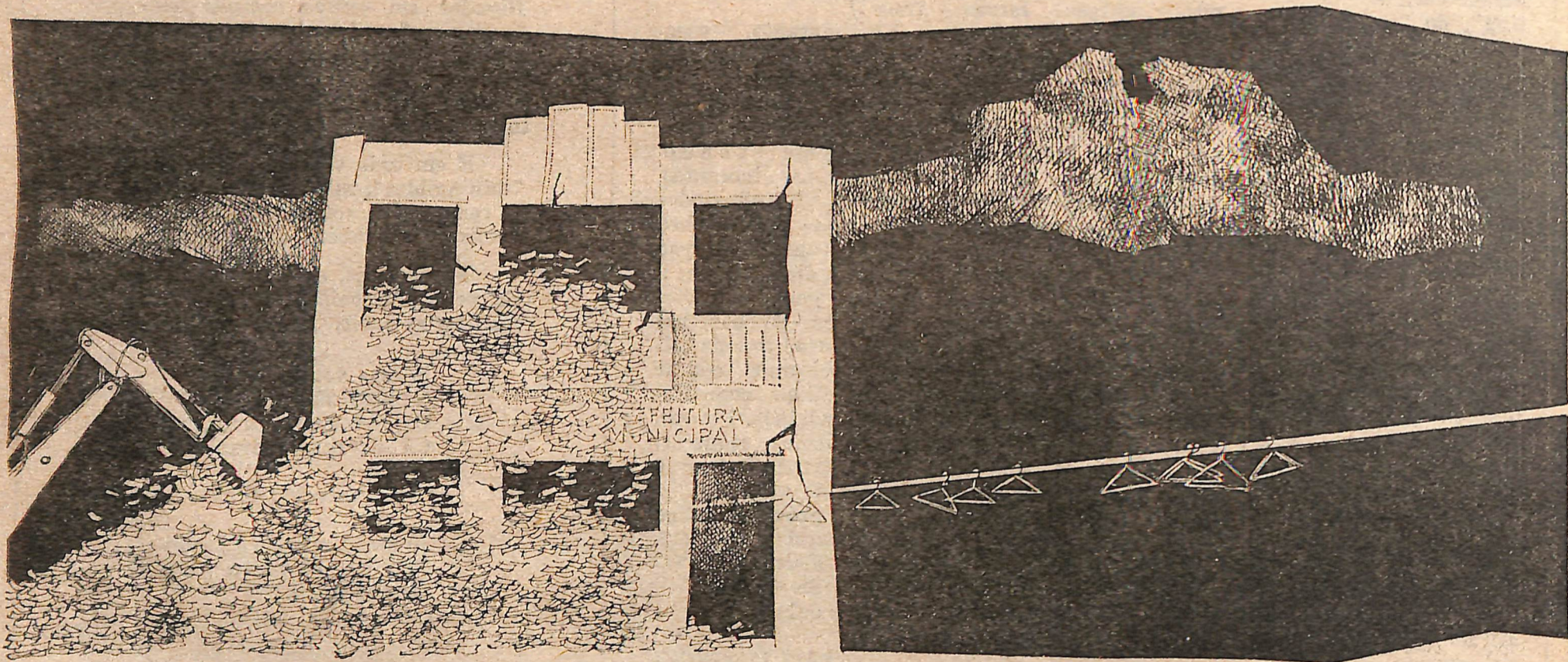
PREÇO DESTA EXEMPLAR

CR. \$ 2,00

FRANCO MONTORO, EXCLUSIVO PAG. 11

100 ANOS DE COMUNICAÇÃO PAG. 16

O QUE A CIDADE LÊ E OUVE PAG. 13



ORÇAMENTO - 76 : CALAMIDADE

PAG. 8 E 9



Doa a quem doer (da série "Jornalismo é coragem")

Certa vez, alguém — que eu não sei quem — chamou a imprensa de "4.º Poder". Já faz algum tempo isso.

Hoje, com o advento das telenovelas, do cursinho, dos remédios para emagrecer, do "marketing", do "rock'n roll", do "seicho-no-ê", de Benito de Paula, da astrologia e de outras grandes conquistas da humanidade, a imprensa possivelmente esteja ocupando o 13.º ou 14.º lugar, na escala dos poderes. Mas ainda é um poder, e isso é o que interessa.

Inspirado na força da imprensa (hoje, mais que nunca, considerada "a arte de influenciar pessoas e fazer amigos"), estou decidido a usar esta coluna para o combate, sem tréguas, aos falsos valores, à mentira, aos desmandos de quem quer que seja.

Sei que, tomando tal atitude, ponho em perigo o pouco, ou quase

nada, que possuo. Sei que muitos amigos me virarão o rosto. Sei que corro até o risco de vida.

Mas o momento exige coragem! E nada, nada me fará calar!

Começo, hoje, desmascarando uma das mais antigas farsas que, durante gerações, tem levado as crianças a uma visão deformada da nossa realidade. Uma deslavada mentira que tem invadido lares e escolas, causando (quem sabe?) muitos dos males que hoje nos afligem.

Quem de nós ouviu, quando ainda criança, desprotegido, inocente, a fábula "O Lobo e o Cordeiro"? Lembra-se, leitor amigo? O carneirinho bebendo água, o lobo acusando-o de sujar a água, as explicações do carneirinho, as desculpas do lobo e, zás, o trágico desfecho?

Quanta mentira, ó céus! Senão, vejamos: se o carneirinho visse o lobo, sua primeira atitude seria fugir, e não

conversar. O lobo, por sua vez, seria suficientemente astuto para, ao avistar o cordeiro, se aproximar sorrateiramente e atacá-lo (desde quando o mais forte precisa de argumentos para devorar o mais fraco?).

No entanto, essa mentira, essa farsa, esse deslavamento que contraria, inclusive, as leis da natureza, vem impunemente sendo contado às inocentes crianças, impingindo-lhes falsas idéias sobre o reino animal e, por que não dizer, sobre a vida em geral.

É hora de dar um basta a esse tipo de coisa. Precisamos educar nossos filhos com vistas à realidade. Porque, não podemos esquecer, "a criança de hoje é o homem de amanhã".

Num próximo artigo desmascararei os perigos do Escotismo para maiores de 40 anos.

Aguarde!

ERAZÉ MARTINHO

Canto Chorado

Por delegação da colenda, sete "mingildos" excursionaram ao aprazível município de Campo Limpo, no Dia dos Finados.

Mas, não foram pra perturbar o sono dos cujos, não.

Queriam saber por que artes tiptológicas (falei) o burgomestre do local tem logrado levar a efeito uma administração tão rica de infra-estrutura sustentada num orçamento tão pequenino.

E viram. E concluíram:

— A urbe está desratizada, ou melhor, não há ratos por lá. Também não há buracos. Por circunspecto como tem sabido ser, o gestor não polui o ar com conversa fiada nem promessas vãs; não sobrecarrega a geração porvindoura com os ônus de empréstimos brutais, nem a atual com impostos exagerados.

Por lá, o progresso não explode de minuto-a-minuto, isso não, nem tanto, mas vê-se o progresso sem que ele (o gestor) necessite de mostrá-lo através de óculos cor-de-rosa

Na folha de pagamentos não há "fantasmas", nem "chupetas" nas sinecuras; tampouco "chommeurs" agenciando lutas de boxe.

A caretice e a esperteza desses gajos que antes das eleições ficam de alcatéia a ver quem é que ganha pra ao depois ver de que lado estão igualmente não encontram agasalho em Campo Limpo. Lá não se fabrica artifícios nem se cultiva "compadrecos".

Dai resulta a não proliferação de ratos, de buracos, de poluição, de caretice, de espertezas, de "chupetas", de descaminhos e demais "baratos" que já foram falados e profligados em outros campos menos limpos, malgrado o eco dessa profligação continue vagando errante nas entranhas de um deserto onde se perdem, por ilusórias, as mais salutaras aspirações populares.

E em tudo vendo, e ouvindo, os "mingildos", ruborizados e um tanto remorsados, estenderam as mãos e disseram: Parabéns seu prefeito...

Foi quando, das bandas feudais da velha Petronilha, uma voz histérica fez-se ouvir,

E essa voz bradejou:
Comigo não, violão.
O povo que vá bugiar
Cá me firmo como estou

"Chommeurs", Caretas, Chu-
[petas
Fazem parte do plantel
Pra que eu possa manobrar
Sem aranzel.

SIMÃO



**TIPOGRAFIA
JUNDIÁ**

**IMPRESSOS
EM GERAL**

Rua Cel. Leme da Fonseca,
210 — Fone: 6-3099

PANSERVIÇOS

Composições Linotipográficas

Encadernação — Desenhos
Rua Marechal Deodoro da
Fonseca, 565

EXPEDIENTE — JORNAL DE 2.ª-FEIRA

Propriedade da Editora Japi Ltda.
Rua Senador Fonseca, 1.044 — Fone: 4-2759
Redator-Chefe: Celso Francisco de Paula
Capa: Araken Martinho
Ilustrações: Eduardo de Souza Filho
Oficinas Impressoras: "Diários Associados"
Rua 7 de Abril, 230 — São Paulo
Assinaturas
Semestral — Cr\$ 70,00 e Anual — Cr\$ 120,00

Editorial

O Jornal de Segunda foi criado para tratar das coisas de Jundiá: os problemas da cidade, sua história, seus valores, sua cultura e tradição. É um órgão a serviço da comunidade, inteiramente voltado para os reais interesses do povo desta terra. Nesta linha, vem cumprindo o dever moral e cívico de zelar intransigentemente pela coisa pública. Atitude, aliás, que não é mais que a obrigação de todo cidadão consciente e responsável, e que constitui o espírito e a essência da verdadeira "res pública". E completa-se tratando com real propriedade todos os demais assuntos que interessam a seus leitores ou contribuam para seu maior esclarecimento.

Dentro deste princípio, o J.2.^o vem discutindo, em amplitude e profundidade, a administração do município. Vários problemas têm sido levantados, relativos a essa administração. Muitos atos e fatos foram e continuam sendo comentados, sempre dentro da perspectiva de seus efeitos e implicações de interesse coletivo.

Esta posição crítica e independente do nosso jornal parece desagradar bastante aqueles que não gostam de ver seus atos analisados ou que não encontram respostas para as perguntas feitas. Queremos lembrar, porém, que a irritação não resolve nada. Dúvidas devem ser esclarecidas com explicações, e não com gritos nem com desabaços. Os problemas por nós levantados, objetivos e fundamentados, devem ser elucidados com o debate aberto da questão.

Isso é tanto mais válido quando se atenta para a importância dos assuntos que temos trazido à baila. E da maior importância, transcendental mesmo, é o problema que constitui o tema central da presente edição: o orçamento do município para 1976. Leiam com atenção; o futuro desta cidade está em jogo.

No "Estadão", o que ocorre em Jundiá

Desde o seu 1.º número, o **Jornal de 2.ª** tem-se dispensado de reproduzir matérias divulgadas em outros órgãos de imprensa, apenas se referindo a elas, por vezes, com o fim de melhor ilustrar as suas análises. Esta condição de auto-suficiência foi-lhe possibilitada, principalmente, pelo privilégio de contar com uma equipe de colaboradores realmente categorizada, o que os próprios leitores estão seguidamente a testemunhar.

Entretanto, neste 19.º número, pela primeira vez, estamos quebrando essa norma da casa, abrindo espaço para a carta-artigo que foi publicada dia 2 do corrente mês, domingo, à página 51 do jornal "**O Estado de São Paulo**". Trata-se de uma matéria de relevante interesse dos nossos leitores e que também nos envolve quase diretamente, de modo que justifica amplamente sua transcrição, como segue.

Situação em Jundiá

"No momento em que o Governo Central já começa a se preocupar e já está examinando alternativas capazes de evitar um impasse institucional decorrente de uma eventual vitória da oposição nas eleições que se aproximam, e, entre elas, o adiamento do pleito para 1980, seria interessante que, antes de mais nada, voltasse sua atenção para os focos geradores desse panorama que se vislumbra com possibilidade de êxito. E não encontraria dificuldades maiores para atingir o âmago do problema. Uma análise séria, honesta e, principalmente, imparcial, em grande número de municípios, onde a distorção político-administrativa contribui implicitamente para o fortalecimento da oposição apontaria de pronto o resultado do pleito que se avizinha. Segundo tem sido noticiado com constância digna de registro, para não dizer diária, medidas coercitivas vêm sendo adotadas pelo presidente Geisel, aqui e acolá, neste e naquele Estado, visando a moralização dos costumes políticos.

A poucos quilômetros da Capital, um grande e importante município, o que equivale dizer, cobiçado colégio eleitoral, dá exemplo típico dessa conjuntura. Trata-se de Jundiá, um dos maiores centros industriais do Estado de São Paulo, com um orçamento que vai além da casa dos duzentos e quarenta milhões de cruzeiros.

É comum dizer-se que cada povo tem o governo que merece. Mas esse anexim não tem acolhimento na Terra da Uva, desde que o povo, por seus elementos mais representativos, está ausente da prévia que antecede a eleição dos dirigentes municipais. Em Jundiá, se não é total, pelo menos grande parte da responsabilidade pela escolha cabe à Arena, que só se interessa pelo resultado favorável da eleição, muito embora essa cômoda posição custe ingentes sacrifícios a um povo trabalhador como o de Jundiá, que em sua maioria é constituído da classe operária. Com candidatos indicados por meia dúzia de elementos, nem sempre qualificados para discernir sobre o que de melhor convém à comunidade, o povo vota naqueles apontados pela Arena e, portanto, no candidato da situação dominante. Não vota em nomes, vota no partido. E o resultado aí está: um funcionário do Ministério da Fazenda, ex-ocupante de importante cargo da arrecadação federal em São Paulo, assim guindado por ocasião da efêmera ascensão do sr. Ranieri Mazilli, não filho de Jundiá, é indicado e eleito prefeito. Sem tradição no

Município, o novo alcaide inicia e dá sequência à sua administração de maneira impopular e ostensiva, afastando e pondo à margem, quando não hostilizando, elementos capazes, conhecedores do meio e, portanto, úteis à comunidade. Não é, portanto, de todo descabido que o povo comente que a sua principal missão à testa da Prefeitura de Jundiá é abrir caminho para a oposição no próximo pleito. O aumento desbragado, desumano mesmo, de impostos; empréstimos para custeio de obrasuntuárias, quando outros setores do Município estão a reclamar urgentes atenções do poder municipal; lotação das dependências da Prefeitura da apadrinhados com polpudos vencimentos; com todo esse acervo de desserviços, o atual chefe do Executivo, tendo encontrado os cofres municipais com capacidade de suportar a demanda dos serviços públicos, vai deixá-los empenhados até a raiz dos cabelos.

Dispondo de maioria na Câmara, constituída de vereadores dóceis à sua orientação, salvo uma ou outra honrosa exceção tendo a seu lado e a apoiá-lo dois dos mais antigos jornais da cidade, um dos quais deixou a oposição, do qual era o baluarte, e bandeou-se para seu lado, de mala e cuia, em troca de favores no setor publicidade; com os correspondentes dos jornais da Capital, por omissão, conveniência ou convicção ou por outros motivos que não a pelo discriminar, completamente mudos e, portanto, concordes, o sr. prefeito de Jundiá vem dirigindo o município como se fora uma grande herdeira sua, onde só sua voz é ouvida. Amanhã o seu sucessor, da situação ou da oposição, não importará, então a que facção pertença, arcará com tão grandes e tremendas responsabilidades, que não poderá assentar um só paralelepípedo sem comprometer o já comprometido orçamento. Será apenas um arrecadador de impostos e nada mais e, no término da sua gestão apontado simplesmente como um administrador amorfo, que passou em brancas nuvens pela Prefeitura, quando a crítica ficar nisso.

Cidadãos influentes, filhos de Jundiá, amantes de sua terra natal, já tomam posição para impedir a repetição do engano, isto é, evitar que tal tipo de político que por lá passem, qual gato sobre brasas, ali façam parada. Assim, assumem responsabilidades, mesmo fora da área de ação do partido da situação, senão contra o Governo do Estado, pelo menos, é óbvio, forçando a divisão do eleitorado.

Comenta-se na cidade, de boca a boca, que o atual bur-

gomestre pôs e dispôs assim da Prefeitura porque se diz apoiado pelos altos escalões da política nacional e no seio das classes armadas, os quais, em conjunto, dão-lhe completa e integral cobertura. Essa é a única alternativa de que o povo lança mão quando vê e sente na própria carne que a omissão do poder mais alto se faz sentir de fato. Puro engano do jundiáense e pura imaginação, para efeitos pirotécnicos, de alienígena ocupante do elevado cargo.

O povo, em sua imaginação ingênua, lamenta que, enquanto o Tribunal de Contas do Estado e da União, amplia de fato sua ação moralizadora, não volta suas vistas para Jundiá, mandando verificar o que ocorre na administração, notadamente no que diz respeito à construção de avenida, asfaltamento, serviços de água, concorrências públicas, compra e venda de terrenos já considerados de utilidade pública pelo antecessor, remanejamento indiscriminado do funcionalismo c, para selar, a contratação, por alto preço e sem concorrência, dos serviços de uma firma para proceder a estudos sobre a capacidade de endividamento do município, para efeito de novos empréstimos. Lamentavelmente, os que assim raciocinam ignoram que a citada Corte não tem atribuições que lhe permitam exercer fiscalização no decurso do exercício ou gestão administrativa e, sim, no término desta, quando do exame das contas finais. Tem havido mandados de segurança e denúncias.

Aqueles têm tido andamento e estas últimas ignoram-se seus destinos.

Somente um jornal, por sinal o terceiro e mais novo da cidade, fundado justamente em decorrência dessa situação, luta abertamente e põe o público a par do que ocorre no setor público de Jundiá. Ao que se sabe, não tem havido contestações. Infelizmente, sua voz não encontra eco além dos limites do município.

Em situação semelhante à de Jundiá, a atitude da Arena do Estado do Rio, a propósito da renúncia do prefeito de Nova Iguaçu, é, por todos os títulos, elogiável. Altamente inteligente, quando não sábia e oportuna, sem barulho e sem rojões, pôs fim a uma administração desastrosa daquele município fluminense. Já que outros procedimentos não têm curso e estão sempre distantes, tão sábia terapêutica não poderia ser utilizada pela Arena de São Paulo no caso de Jundiá, que já está comprometendo os postulados da revolução de 64? — ARF

Zona Franca

(O leitor escreve, comenta e opina)

A situação dos 2% que buscam a medicina privada

Em sua edição de 29 de outubro último (n.º 273), a revista VEJA publicou um extenso artigo tratando do problema da assistência médica e seu custo no Brasil afirmando também, em sua carta ao leitor, que essa teria sido sua matéria de capa não fosse o agravamento do estado de saúde do generalíssimo Franco, ditador da Espanha. O fato de tal artigo quase ter chegado a ser matéria de capa em tão importante revista brasileira parece vir comprovar que, no momento, é falando-se mal da classe médica do nosso País que se consegue mais facilmente o maior número de leitores.

Encontramos em tal artigo críticas injuriosas à classe médica, críticas baseadas em fatos isolados, demonstrando uma total incapacidade de análise dos problemas levantados, e, mais ainda, uma covardia do redator em focar os problemas no seu cerne.

As causas fundamentais das falhas de nossa saúde são, quando muito, veladamente referidas no artigo. Em determinado ponto, afirma o articulista que bem menos de dois por cento dos pacientes são atendidos fora do INPS ou outras instituições do sistema previdenciário; depois, em outro tópico, cita que o Ministério da Saúde comprovou que 50% dos pacientes atendidos em clínicas e postos de saúde do Nordeste deixam de se tratar por não terem condições de comprar os remédios receitados. De nossa parte, consideramos válido até extrapolarmos tal porcentagem para o restante do país, talvez com moderada margem de erro em algumas regiões.

Mais adiante, o articulista declara: "A verdade é que o mercado farmacêutico brasileiro, longamente entregue à mais aberta permissividade, não é regido por nenhuma forma de interesse de ordem social".

E se refere, também, como em todas as alegações citadas, sem qualquer destaque, a fato ocorrido durante o surto de meningite, quando o medicamento ampicilina chegou a custar Cr\$ 30,00 a grama (um paciente adulto necessitava de doze gramas diárias desse medicamento por um prazo de oito a dez dias). E acrescenta que a Fundação do Remédio Popular, órgão criado pelo governo, re-

solveu suprir a demanda colocando à venda uma ampicilina dotada dos mesmos poderes curativos, estipulando para ela o preço de apenas Cr\$ 1,80 a grama.

Na quase totalidade do restante do artigo de oito páginas e que recebeu texto final do editor-assistente Nirlando Beirão, o que se lê são acusações nominais a médicos, dentistas e hospitais que cobram preços elevados por seus serviços nem sempre satisfatoriamente prestados.

Fazemos parte de uma classe que já se cansou de ser bode espiatório daqueles que, mercê de suas faltas de capacidade, não conseguiram acompanhar o custo de vida e vêem se tornar cada vez mais difíceis as suas possibilidades de ostentação, mas que, ainda assim, não querem se confundir com os mais de 98% de pacientes que recorrem a uma das diferentes formas de medicina social existentes em nosso País, onde, diga-se de passagem, o atendimento é feito também por médicos e não por caçadores de borboletas; indivíduos que não querem compartilhar de um quarto de enfermaria juntamente com três ou seis segurados, pois seus melindres de pretensos diferenciados não suportariam tal coisa; que se acovardam em participar, com reivindicações, de um processo de correção às falhas que ainda existem na assistência médica no Brasil.

Queremos salientar que também somos contra a cobrança de preços extorsivos por serviços médicos particulares. Mesmo porque nem sempre aqueles que procuram a medicina privada são possuidores de grandes recursos econômicos, havendo muitos que por um ou outro motivo não se vêem enquadrados no sistema previdenciário e detêm recursos reduzidos.

Porém, preocupamo-nos mais com os 98% que precisam receber um atendimento cada vez melhor e mais ainda com os 49% que, segundo a própria revista, sequer podem se tratar por não terem com o que adquirir os medicamentos receitados. Daí não vemos razão para que o articulista de VEJA se preocupe tanto com os bem menos de 2% que procuram a medicina privada, escolhendo muitas vezes locais altamente sofisticados.

WOLF HERBERT NOSSAK

Final do Concurso de Piano "Maestro Souza Lima"

Sr.: — "A Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiá realizou nos dias 25 e 26 de outubro próximo passado, no Salão Nobre do Gabinete de Leitura "Ruy Barbosa", o seu Primeiro Concurso de Piano em Homenagem ao maestro Souza Lima, formando no júri as pianistas Elena Pires Martins, Josete de Melo Ferris e maestro Mário Comandulli, sob a presidência da acadêmica Nair Effenberger Gueli.

O motivo deste é convidar V. S. e todo o Corpo Redacional desse vibrante Semanário para a solenidade de encerramento, marcada para às 20 horas do dia 8 de novembro (sábado), no Gabinete de Leitura "Ruy Barbosa", devendo

Concorrência

Sr.: Solicitamos de V.S. a gentileza de divulgar, em sentido de colaboração, notícias vinculadas à redistribuição da rede física escolar, meta atual prioritária da Secretaria da Educação do Estado.

Certos do apoio, subscrevemo-nos, respeitosamente, Prof. José Flávio Martins Bonilha, delegado do Ensino Sec. e Normal de Jundiá.

Divulgação

Srs.: "Recebi e agradeço os exemplares do "Jornal de 2.a Feira", editados por Vs. Ss. e cumprimento-os pelo bom nível da matéria apresentada, da qual destaco o artigo "O avesso de uma concorrência", que muito apreciei".

Luis Arrobas Martins, conselheiro aposentado do Tribunal de Contas do Estado de São Paulo.

contar com a presença do homenageado Souza Lima, que foi presença ativa do Movimento de 22.

Sem mais, desde já agradece as presenças, formulando os mais elevados protestos de estima e consideração,

Jundyra Miranda Duarte

Secretária da A.F.L.A.J.

O "Sonio" escreve

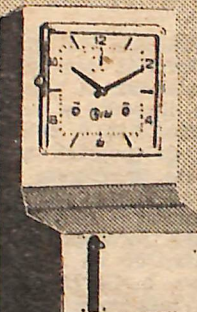
Sr: No Jornal de 1.a, não de 2.a tivemos a grata satisfação de ler e recordar. Você aproveitou e muito bem a faculdade de como gravar, sentir e mencionar. No jornal de 13 a 19-10-75, encontramos a mensagem da qual fazemos parte. Assim lembrados, jamais nos esqueceremos pois, o elo de união sente-se fortalecido pelo mesmo ideal, alertar e proteger, orientar e conduzir se necessário for. Na verdade se firma a base e sobre esse alicerce constrói-se e firma-se todo o poder do sentimento. Esse sentir é puro amor pelo próximo que sofre, portanto a defesa procede. Somos gratos por estarmos na mesma linha e a lembrança consolida a conduta na direção da meta proposta.

Agradecendo este encontro, aqui estamos:

Auônio Tozetto e outros.

**COZINHA JUNDIAIENSE LTDA**
refeições industriais
R. JOSE BONIFACIO DE ANDRADE E SILVA - 408
FONES: 6 6392 & 6 2461

RELOGIOS DE PONTO ROD-BEL
revendedor autorizado em Jundiá:
COMERCIAL PANIZZA LTDA.
BARÃO - 427
FONE: 6-8231



SUPERMERCADO ELIAS

ONDE OS PREÇOS SÃO SEMPRE OFERTAS
R. BOM JESUS DE PIRAPORA 2757-63 - FONE: 4-1775
ESTACIONAMENTO PROPRIO

DOCEIRA JUNDIÁ Ltda 
DISTRIBUIDORA DE:
doces balas chocolates
DE TODAS AS MARCAS
DISTRIBUIDORA EXCLUSIVA NA REGIÃO DO **PANETONE 900**
RUA DR. TORRES NEVES, 292 - 6.7400
O TELEFONE DOCE DA CIDADE

O finado

O rangido da porteira se misturou com o paca-tau de um cavalo ao galope; e logo ouvimos, já no terreiro, a estremeção da parada feita no rampão das ferraduras. Saímos pra varanda, meu pai na frente; o cavaleiro fez um gesto largo e esparramado, que não teve nada que ver com a notícia qu'ele gritou:

— Nho Zeca foi-se!

Estávamos naquela hora parada em que o dia já se fôra e a noite ainda não chegara; pras bandas aqui do canto da casa, aparecendo entre as embaúvas prateadas, lá estava a estrelona, que minha vó batizara de "vésper". Dizia este nome cos'rr roncando na ponta da língua, único r direito qu'ela falava. Nome, vésper; apelido, estrelona. Era a hora dos grilos, dos sapos e do canto agourento da suindara.

Em resposta ao cavaleiro, meu pai gritou:

— Apeie! Descilhe e pegue a "estrela"!

"Estrela" era a égua de estimação. Marchadeira, não carecia de rédeas, era guiada ao toque de mão.

— Não carece! Meu zanho guenta!

Era um zanho inteiro, irrequieto continuava trotando mesmo parado, rédeas esticadas, meio empinando, queixo encostado ao pescoço, o corpo nervoso, lustroso de suor. Ouí a fala do cavaleiro:

— ...vô simhora ante que chegue o escuro, visá os otro. Nha Quita espera mecê, carece pegá a redê no Ozório.

Fez outro gesto largo e deu rédea ao zanho que a princípio galopou miudinho, de lado, de atravessado na estrada, e depois flexou num galope esticado de papaléguas. E seu pacatau sonoro foi engolido pelo grotão do guarantã.

A que viera o cavaleiro? Em busca da caridade do meu pai, que sabia lavar e vestir um defunto; coisa que só os puros tinham coragem de executar.

— Barti, encilhe a "estrela"... e o "diamante" também, que ocê vai cumigo.

Fiquei arrepiado, que disso eu não gostava. Mas nho pai falou, era

fazer sem mugir. Fui atrás da égua tordilha e do "diamante", capão russo de boa andadura. Seu nome era "diamante", mas era assim gordão e tinha a barriga cheia de gases qu'ele ia soltando ao passo da marcha. Nome, "diamante"; apelido, "trovão". Corri pra "se aprontá" e montei o "trovão".

Fomos tocando bem tocado que carecia chegar logo. E eu já ia bem arreçado de ver o defunto quando passamos no Ozório pra pegar a rede que meu pai jogou na garupa do "trovão". Aí, estremecei:

— Ah! pai. Tô intê cum ânsia, num guento!

— Queto aí minino! Rede num morde!

Era a rede de carregar defunto e eu não queria nem encostar nela, ne molhar pra trás.

Quando chegamos, fui buscar água na bica e arranjei mil serviços pra não ver o defunto, tristeza de visão mais amedrontadora. Meu pai entrou para os seus que-fazeres qu'eu não fui ver mas sei bem como era, de oitiva. Cortam a roupa do tal, metem-no na baciona, lava-que-te-lava, enxugam-no, vestem-no, lençol na mesa grande da sala de janta, lá fica ele até o sol raiar. Puxação de terço e rezas e ladainhas a noite inteira. E café, bolinho de chuva, bolo de fubá com erva doce, umas goladas de pinga, assim vai a noite. E o defunto lá na mesa, durão, queixo amarrado com um lenço, as mãos amarradas em pose de reza, um terço entre os dedos, a gente vendo-lhe os olhos pela fresta das pálpebras, credo!

Cada um que chegava, a mulherada entrava num choro gritado meio sem lágrimas; era pra avisar o S. Pedro que o morto era bom e que se sentia desde já sua falta na terra, que o acolhesse no céu. Mandaram-me buscar água. Peguei o varal, uma lata em cada ponta, atravessei-o por riba dos dois ombros, apoiado aqui atrás do cangote, e fui andando certo pelo trilho incerto, o "zóio" furando o escuro, medão danado esbarran-

do o passo. Enchi as latas na bica, sem olhar o brilho da água pra não "dá ar". Água pra fazer café com garapa de cana, que açúcar não havia. De madrugada a reza acabou e a prosa tomou conta dos poucos acordados. As seis, mais uma rodada de café com gostosura de bolo de fubá e broa de milho, leite com farinha. "Ponharo" o defunto na rede presa no varal; dois homens na frente e dois atrás, varal nos ombros, eram os "varejeiros". Outros iam também para substituí-los no caminho. Com a marcha, suor escorrendo pelo rego das costas, camisa colada na pele, o defunto ia ficando pesado demais; era o peso dos pecados dele e dos outros. Pra aliviar o peso só tinha um jeito: era parar, cortar uma vara de "bassora" e surrar o defunto por fora da rede. Cada "varejeiro" dava três lambadas na rede, o varal apoiado pelas pontas nas forquilhas de dois arbustos. Depois pítavam um cigarro e reiniciavam a marcha, o defunto já bem "liviano", livre de uma parte de seus pecados. Se tornasse a ficar pesado de não ter jeito, tomava outra surra.

Na entrada da vila, em frente ao cemitério, tinha uma birosca conhecida por "buteco dos defunto". Era'li que o defunto passava pro caixão, pregada a tampa com pregos enormes. Ficava o caixão lá fora, enquanto os carregadores iam tomar um trago; servida a pinga, jogavam no chão um golinho "prás arma" e logo outro "pro finado". Tomavam seu golão e levavam o tal pro cemitério, o resto meceis sabem. De volta, levavam a rede que ficava na casa do Ozório, caboclo amulatado, cafuso meio macumbeiro.

Mais antigamente qu' este antigamente, o defunto era enterrado com rede e tudo. Mas aconteceu que começou a aparecer alma penada balançando em rede, sem ninguém segurando nas alças; nas estradas e até nos terreiros. Precisava fazer benzimentos e reza até saber quem era o morto preso na rede. Sabendo, tocava ir no cemitério, de-

senterrar o tal e tirar de lá o que restava da rede. Mas ficou o nome de enredeiro pra quem falasse mal dos outros, para os mexeriqueiros, os maledicentes. Por falar em enredeiro, "vamo porveitá" e vamos unir coisas aparentemente diferentes. Vejam só que ligação mais estranha entre esta estória e o município de Jundiáí.

1. Em 1960 era imperativo construir o viaduto no Santo Antônio, na Via Anhanguera; e a passarela na rua do Retiro. Construíram o trevo de Vinhedo, o de Louveira, a passagem inferior nas Faculdades Anchieta, o trevo do GO e agora o trevo de Perus. E o viaduto do Santo Antônio não saiu.

2. Foi construído um Centro Social Rural em Jundiáí que permaneceu fechado, não foi entregue a ninguém e caiu.

3. A grita em torno do Seguro Agrícola mal estruturado e mal organizado tem sido enorme; ninguém nos ouve.

4. O município de Itatiba tem telefone e o tal D.D.D. (Discagem Direta a Distância) e Jundiáí tem um d.d.d.

(disque e depois desista).

5. Há poucos dias, com a presença dos ministros, foi inaugurada a telefonia rural de Mogi das Cruzes. Todos os brasileiros agricultores do município (90%) sorrindo amarelo e olhinhos puxados ficaram eufóricos e gritaram: "Banzai, banzai, banzai, banzai". Os agricultores estrangeiros de Jundiáí (90% nascidos aqui mesmo) chucharam no dedo.

6. Uma comissão de líderes rurais pediu uma audiência a um secretário de Estado que simplesmente se negou a recebê-la, transferindo-a para assessores.

7. Um vereador requereu que se oficiasse a quem de direito sobre a tal ponte do Santo Antônio. Moita.

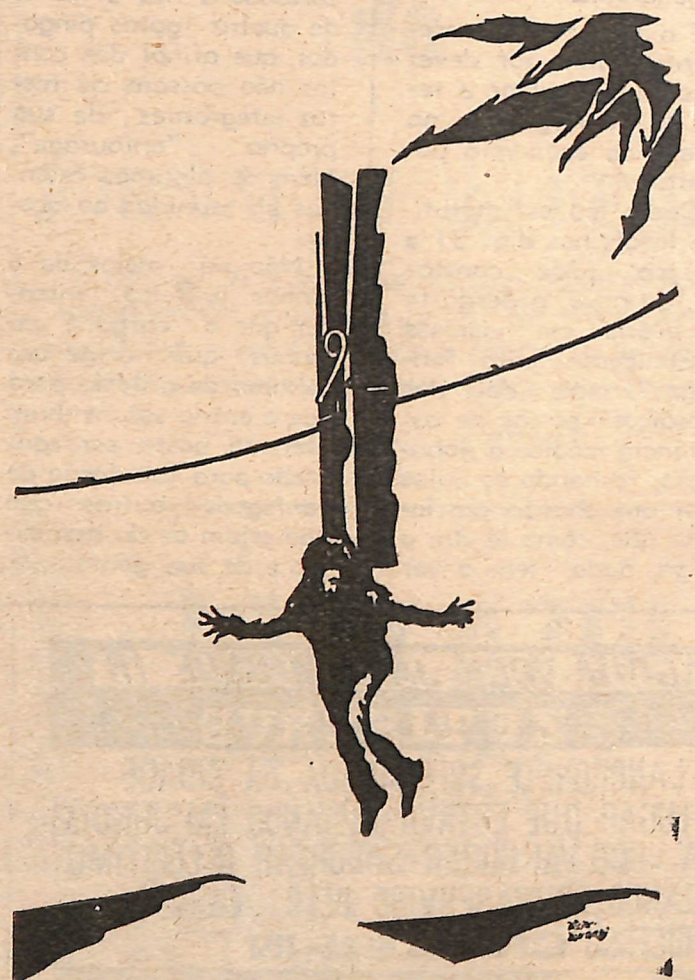
Isto mostra que não temos líderes; apenas um magote chucro que não pode ser ouvido em parte alguma.

Meu pai, vem lavá Jundiáí; sem rede de esgotos, sem rede telefônica, o defunto que vá, sem rede mesmo, a pé pro cemitério.

Meu pai, vem lavá Jundiáí; depressa, antes que feda.

O BARTIMEU

DÉCIO



Concorrências Públicas - IV

Quando se pretende realizar uma obra pública, a primeira providência é a de se mandar fazer um orçamento.

Explica-se perfeitamente a necessidade dessa medida.

Ao abrir-se uma concorrência pública, é necessário que se conheça o valor real da obra, pois não se poderá bem apreciar as propostas sem o conhecimento do seu custo. Isso é fundamental.

Tanto é assim que a lei estabelece limitações. As propostas com valor acima ou abaixo de 10% não poderão ser aceitas.

É uma limitação muito justa que impede gastos muito acima da realidade dos preços, ao mesmo tempo em que não se admitirá cons-

truções muito abaixo do custo que poderão comprometer, ou o andamento das obras pela inexequibilidade, ou mesmo a sua qualidade.

É isso. Agora voltemos ao plano viário de Jundiá.

Como já dissemos, a empresa Sotafe fez o projeto e calculou o valor básico total na quantia de Cr\$ 198.013.476,50.

Fixado o custo básico para a execução do plano, estavam, desde logo, fixados os limites de Cr\$ 217.814.482,41 para cima e Cr\$ 178.212.128,85 para baixo.

Dentro do prazo fixado, apresentaram-se três concorrentes.

Uma das características mais importantes de uma concorrência é

o sigilo absoluto entre os participantes, pois é certo que disso dependerá a conquista do contrato.

Por incrível que pareça, os três concorrentes apresentaram o mesmo preço, no valor de Cr\$ 178.212.128,85.

Isso não quer dizer, absolutamente, que houve quebra do sigilo ou simplesmente uma combinação entre os participantes.

Mas evidencia um fato incontestável. Todas as firmas reduziram as propostas até o mínimo permitido, isto é, abaixo 10% do valor básico calculado pela Sotafe.

Em números:
Cálculo da Prefeitura (Sotafe) — Cr\$ 198.013.476,50
Menos 10 por cento — Cr\$ 19.801.347,65

Valor das propostas de cada concorrente — Cr\$ 178.212.128,85.

Se três firmas puderam sem a menor cerimônia apresentar propostas naquele valor, sem nenhuma diferença, uma premissa emerge dos acontecimentos: o valor básico foi fixado muito alto.

Ora, coloquemo-nos no lugar de um concorrente. Como iríamos reduzir 19 milhões de cruzeiros do orçamento municipal para o plano viário, que deveria estar bem feito, tanto que a Prefeitura pagou uma fortuna para uma empresa calculá-lo?

19 milhões não são bolinho. São 19 bi antigos e poderiam levar a dificuldades financeiras qualquer empresa por maior que fosse o seu gabarito.

E, verifica-se mais. O orçamento das três empresas não foi calculado em minúcias pelos preços dos materiais e outros. Não houve o cuidado em examinar-se os preços realmente correntes. Foram apresentados, tendo-se em vista apenas o valor básico da Prefeitura.

Não houve e não se demonstrou o menor cuidado com os valores e quantidades de serviços a executar. Acreditou-se piamente no orçamento da Sotafe, não se podendo negar que também se reconheceu nele um valor bem acima da realidade.

Esses fatos demonstraremos no próximo artigo, quando entraremos no exame dos preços unitários.

VIRGÍLIO TORRICELLI

Ecoss & Comentários

Debalde vimos nos esforçando para mostrar ao senhor prefeito municipal que deve ser mais parcimonioso nos gastos do dinheiro público.

Sua senhoria continua, "magrée tout" a má impressão que vem causando à opinião comunitária, a açaimar a voz dos jornais por meio de publicidade de nenhum interesse da cidade e que paga a preços altamente generosos.

E a forçar-nos, consequentemente, por dever de ofício, a surrar a tecla da objurgatória na defesa da economia popular.

Quem leu os matutinos locais nos dias 31 e 1.º p.p., pôde constatar, de novo, o desgaste do erário em vistosos comunicados para "entregar" mais dois dos prosaicos postos de assistência médica à população, fechando os cujos com um chavão patrioteiro que, como lá diz o vulgo, nada tem a ver

c'oa cor da chita. É a forma chula e matreira que costuma usar para impressionar os basbaques e levá-los a acreditar nas mirabolantes promessas que jamais serão realizadas no tempo que lhe falta para deixar a Prefeitura.

As ilustrações que se estamparam mostrando o "solene ato de entrega" apresentou uma "miss-en-cene" por assás caricata, com ss. cortando a fita à frente de quatro gatos pingados, que afinal das contas não passam de meros integrantes de sua própria "entourage", além de algumas crianças ali reunidas ao acaso.

Não há meios de o senhor prefeito entender que o cargo é um munus que exige um máximo de critério para que o erário sob nenhum pretexto possa ser sangrado para satisfação de vantagens outras que não sejam as do município e de sua gente.

SS. precisa se capacitar de que não pode continuar com esses gastos vultosos com o inconfessável propósito de colocar cortina de fumaça à tão malsinada administração municipal.

A prudência manda que o sr. prefeito aguçe os ouvidos para sentir a acrimonia pública em torno dos descaminhos administrativos a qual ultrapassa já as divisas municipais e do Estado para fazer-se ouvir por todos os quadrantes do País através dos portavozes de circulação nacional.

Senão, atendemos a este tópico de uma longa carta publicada no Estado de São Paulo, de 2 pp., inserida sob o título "A situação em Jundiá", que pedimos vênua para transcrever:

"O aumento desbragado, desumano mesmo de impostos, empréstimos para custeio de obrasuntuárias, quando outros setores do município estão a reclamar

urgentes atenções do poder municipal; lotação das dependências da Prefeitura de apadrinhados com polpudos vencimentos; com todo esse acervo de desserviços, o atual chefe do Executivo, tendo encontrado os cofres municipais com capacidade de suportar a demanda dos serviços públicos, vai deixá-los empenhados até a raiz dos cabelos.

Dispondo de maioria na Câmara, constituída de vereadores dóceis à sua orientação, salvo uma ou outra honrosa exceção, tendo a seu lado e a apoiá-lo dois dos mais antigos jornais da cidade, um dos quais deixou a oposição da qual era o baluarte e bandeou-se para seu lado de mala e cuia em troca de favores no setor publicidade; com os correspondentes dos jornais da capital por omissão, conveniência ou convivência ou por outros motivos que não há pelo que discriminar, completamente

te mudos e, portanto, concordes, o sr. prefeito de Jundiá vem dirigindo o município como se fora uma grande herdade sua, onde só sua voz é ouvida. Amanhã, o seu sucessor, da situação ou da oposição, não importará, então, a que facção pertença, arcará com tão grande e tremendas responsabilidades que não poderá assentar um só paralelepipedo sem comprometer o já comprometido orçamento. Será apenas um arrecadador de impostos e nada mais, e, no término de sua gestão, apontado simplesmente como um administrador amorfo, que passou em brancas nuvens pela Prefeitura".

Como se vê, é o maior jornal da América Latina que dá agasalho a um verdadeiro líbello, com críticas acerbas, à desavisada atuação do prefeito municipal de nossa terra.

ELCIO VARGAS

AGORA VOCE JA' TEM ONDE IR
ZETISERVE
A LANCHONETE SOFISTICADA DA CIDADE
O LUGAR QUE ESTAVA FALTANDO EM JUNDIAI
LA' VOCE VAI PODER SABOREAR O LEGITIMO
FRANGO FRITO SERVIDO PELO
PROCESSO **CHICKEN-IN**
avenida antonio segre, 504

67⁸ 75
ANOS


**CONSTRUTORA
JUNDIAI LTDA.**

r. Siqueira de Moraes n.º 578
8º andar - conjunto 801 - C

DISTRIBUIDORA KINHO
FRIOS E LATICINIOS EM GERAL
ATAcado E VAREJO
nery aparecido rodrigues
rua marechal deodoro n.º 282 fone 6-7521

Plantão

Estive, há poucos dias, na Faculdade de Psicologia do Instituto Metodista de Ensino Superior, em Rudge Ramos, para falar sobre o tema "Pena de Morte". De acordo com o que tenho observado, está havendo uma tendência muito grande — inclusive entre os estudantes de Direito de aplaudir essa medida.

Na verdade, a questão é controversa e questiona o homem há milhares de anos: devemos ou não matar os criminosos, por meios legais, fazendo uso da pena capital?

Nos Estados Unidos, país que possui um dos maiores índices de criminalidade do mundo, a medida foi abolida. Na fila dos condenados à morte estavam Sirhan Sirhan, o assassino do senador Robert Kennedy, e Charles Manson — responsável pela morte de várias pessoas na mansão da atriz cinematográfica Sharon Tate. Por isso, a decisão dos EUA alcançou repercussão mundial.

Oportuno observar que, paralelamente, o poder de polícia é rigorosamente exercido entre os norte-americanos, daí o alto número de delinquentes mortos pela Polícia. Se alguém — delinquente ou simples suspeito — reagir à voz de prisão, é facultado ao policial atirar. Depois, o agente policial faz um relatório, arrola três testemunhas, e pronto: está cumprida a formalidade legal.

Entre nós, milhares advogam a pena de morte. Outros, saudosos, invocam — um tanto nostálgicos — os tempos do "Esquadrão da Morte".

Observação: ao contrário do que grupos interessados afirmam o número de assaltos não diminuiu na época do "Esquadrão" (1968/70). Depois, ao contrário do que o gaguejante "Lírio Branco" anunciava através de telefonemas aos jornais, não se fazia profilaxia social alguma. Pelo contrário: defendia-se um nefasto grupo de traficantes de entorpecentes, enquanto outro grupo era exterminado. Em suma, uma guerra sordida entre traficantes. Tanto que nada menos do que treze policiais paulistas foram banidos do quadro da Secretaria da Segurança, através de ato presidencial baseado no AI-5. Não é preciso que se diga mais nada.

Em nossos dias, muita gente insiste em falar na "necessidade de matar". Curiosamente, entre eles — repito — muitos estudantes de Direito (!), de psicologia (!) e outros. Um contracenno, parece-nos. Para que estudar aquilo em que não se acredita?

Caryl Chessmann, em seu livro "2.455, Celas da Morte", afirmou que não se cura o câncer matando, ou lutando colericamente, ou punindo com severidade os atacados dessa moléstia consumidora. Analogamente, não se extirpam as raízes de uma enfermidade social ainda mais calamitosa, desencadeando uma guerra contra os seus contagiados. Ao contrário, procura-se determinar e, se possível, eliminar as causas da doença, e não as vítimas.

Não se deve confundir essa atitude sentada com a possibilidade de se ficar inteiramente à mercê dos bandidos. Não se trata disso. O estrito cumprimento do dever legal, para os agentes policiais, e a legítima defesa, para o cidadão comum, são previstos em lei. Os legisladores levaram em conta as

reais necessidades da legítima defesa, ou seja — atualidade ou iminência da agressão; injustiça na agressão; inevitabilidade da situação; moderação na repulsa.

Como bem observou o secretário da Segurança, coronel Erasmo Dias, em longa conversa que tive recentemente com ele: "o conceito de segurança, hoje, é muito mais amplo; à Polícia cabe combater os efeitos, e as causas devem ser eliminadas por meio de processo educativo, em casa ou nas escolas".

Não se trata de um devaneio poético de quem sublima: a ciência precisa buscar e conhecer os desequilibrados, neuropatas, epilépticos, toxicômanos, alcoólicos, os atacados de loucura moral. Há criminosos incorrigidos, e não criminosos incorrigíveis. Se o homem não é de pedra, como já observou alguém, pode ser corrigido ou modificado.

A teoria, hoje, especialmente em criminologia, é a de que todo criminoso é um desajustado. Deve receber todas as técnicas de tratamento de recuperação (senão, para que existem os presídios?) e não uma pena de vingança. A lei de Talião tinha o princípio do "olho por olho, dente por dente".

Se hoje a civilização adiantou-se tanto, poderia haver lugar, ainda, para princípios tão selvagens? Merecem reflexão os versos de Guerra Junqueiro:

E vós dizeis: salvemos a moral do Templo
pois todo grande crime exige um grande

[exemplo

Mas, se o vosso exemplo é assassinar,
nesse caso o exemplo que ides dar
já ele o deu primeiro — o criminoso.

Então, ele é o original, e vós a imitação.
Porém, há entre ambos uma enorme dife-

[reença:

ele é uma paixão, e vós uma sentença.
Vós assassinais com calma, inexoravelmente,
vós tendes consciência inteira do assassínio.

PERCIVAL DE SOUZA



OFERTÃO

do

JORNAL DE 2.a FEIRA

Fazendo já a sua assinatura para 1976, ela começa a valer a partir de novembro. Quer dizer, você ganha dois meses de lambuja. Ligue-se conosco para aproveitar essa chance.

Nosso telefone: 4-2759.



Não cobramos nenhuma taxa dos candidatos

Mantemos sigilo absoluto

Vagas para os seguintes Departamentos:

SECRETARIAL ADMINISTRATIVO

VENDAS E MARKETING

TÉCNICO INDUSTRIAL

Horário: das 8:00 às 18:00 h

Sábados: das 8:00 às 12:00 h

Não fechamos para almoço

Rua Engenheiro Monlevade, 682 - Fone: 6-5987

JUNDIAÍ — ESTADO DE SÃO PAULO

FOTOCOPIADORA MALTONI



nós temos o melhor serviço
de xerox da cidade.

rosário, 618 - fone: 6-8460



LAGO AZUL

RESTAURANTE

PIZZARIA

CHURRASCARIA

SAUNA * MOTEL

VIA ANHANGUERA, KM. 72

Fim de governo: apocalipse

Foi encaminhado pelo prefeito à Câmara, para a devida apreciação, a proposta orçamentária para o ano de 1976. Um exame rápido desta peça revela a triste realidade: a situação é de desastre total. Até parece que, por ser o último ano de governo, o Executivo municipal resolveu acelerar o processo de deterioração completa da economia e das finanças do município, processo esse em que ele vem se empenhando com denodo, desde sua posse.

As perspectivas que nos oferece esse orçamento são as piores possíveis. O ano de 1976 representará, sem dúvi-

da, a sombria culminância dessa gestão infeliz. Ao imaginar a desoladora situação do município, no cair de panos deste governo, não podemos esquecer-nos da imensa parcela de responsabilidade que cabe àquela famosa maioria da Câmara de Vereadores que, inteiramente obediente às vontades do Executivo, anulou o poder e a ação do órgão legislativo, transformando-o numa simples extensão do gabinete do prefeito.

Tentaremos comentar alguns aspectos mais relevantes da proposta orçamentária apresentada à Câmara.

Despesas correntes: dados de estarrecer

Despesas correntes — As despesas correntes previstas somam 129,3 milhões de cruzeiros. A evolução dessas despe-

sas, nos últimos 5 anos, refletem bem o que vem ocorrendo no presente Governo.

Os números no qua-

dro abaixo exprimem essas despesas correntes, nos vários anos, expressos em milhões de cruzeiros:

DESPESAS CORRENTES (em milhões de cruzeiros)



Observe-se que se tratam apenas de despesas com a administração do município. Estes valores não incluem nenhum investimento! Mesmo deflacionando os dados, eles são de estarrecer. O montante das despesas subiu de cerca de 300.000 UPC, em 1972, para mais de 800.000 UPC previstas em 1976! Considerando-se que há queixa de que os serviços públicos pioraram, lembrando que Jundiá é chamada de Buracolândia e correndo os extensos bairros esquecidos, vê-se que nosso alcaide, como administrador, conseguiu realizar a proeza do aprendiz de feiticeiro: fez tudo ao contrário! Triplicou os custos e piorou o resultado!

Observe-se também que, naquela previsão de despesas, não estão incluídas as entidades de administra-

ção indireta, como o DAE por exemplo. Nesta triste novela, es-

tas entidades constituem um capítulo à parte.

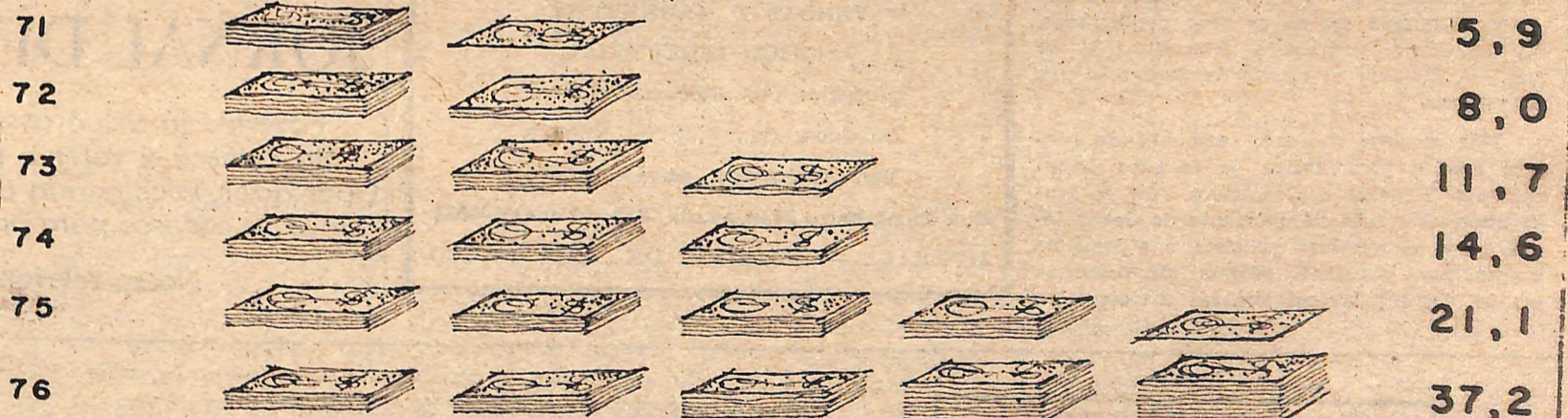
Pessoal: cada vez chegando mais

Todos os itens de despesa da Prefeitura, sem exceção, cresceram assustadoramente. O

mais expressivo é o que se refere ao pagamento do pessoal civil da municipalidade.

Eis a sua evolução em milhões de cruzeiros:

PAGAMENTO DO PESSOAL CIVIL DA MUNICIPALIDADE
(em milhões de cruzeiros)



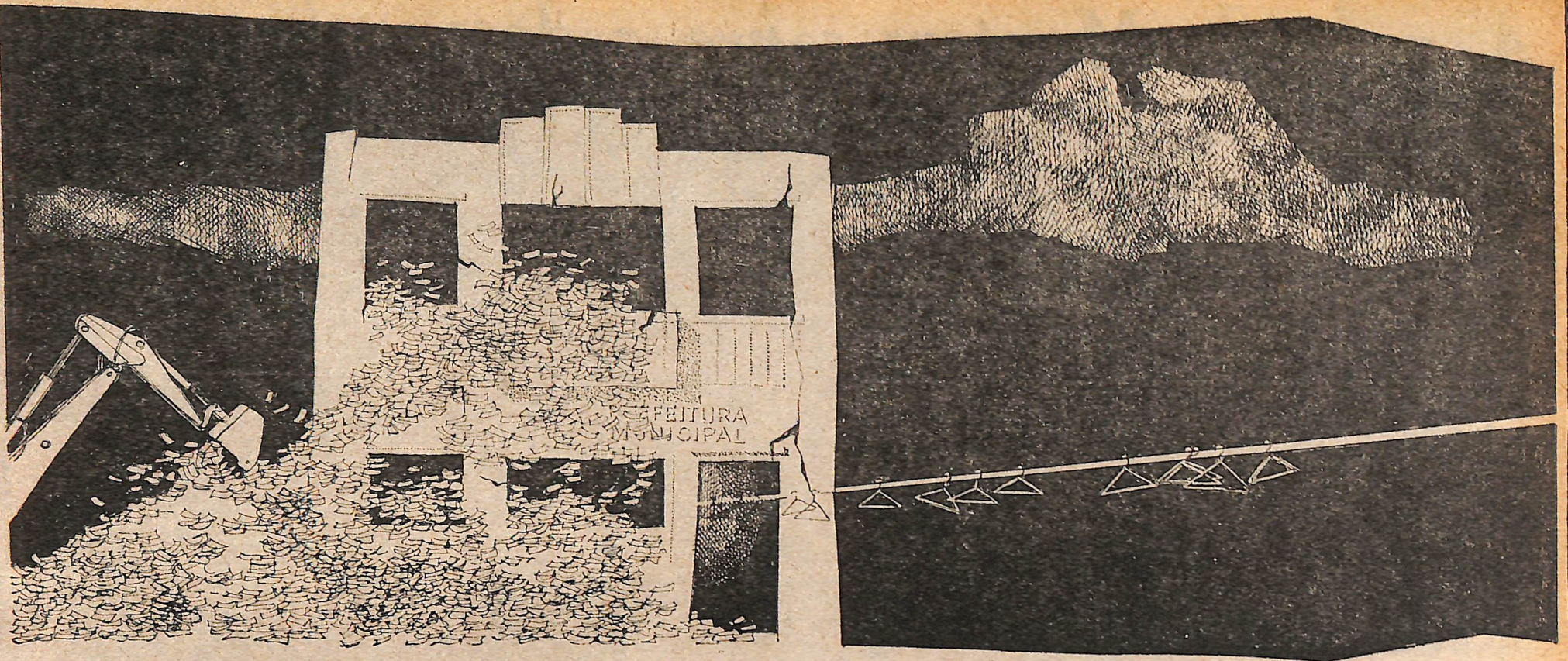
Por detrás destes dados, pode-se perceber o que há de crescimento indiscriminado dos quadros da Prefeitura. E o grande salto previsto em 1976 insinua a onda de empreguismo preparada para esse ano de eleições.

Praticamente todas as seções da Prefeitura estão sofrendo o processo de inchamento. Em algumas, porém, o fenômeno é mais intenso. Apenas para ilustração, podemos citar alguns destes casos. Os números referem-se ao custo previsto com o pessoal, nos orçamentos de 1975 e 1976. Estão expressos em milhares de cruzeiros:

LOCAL	1975	1976
Seção de Pessoal	120	400
Portaria e Serviços Auxiliares	170	500

Procuradoria Jurídica	220	550
Diretoria da Fazenda	380	800
Divisão de Contabilidade	355	800
Setor de Compras e Almoxarifado ..	200	450
Serviço Funerário Municipal	360	800
Cemitérios	170	500
Estação Rodoviária	115	400
Diretoria de Educação e Cultura	288	820
Unidade de Serviços Médicos e Hospitalares	95	950

De todas estas seções, a que tem maiores justificativas para o aumento é a Seção de Pessoal. Vai ter, sem dúvida, muito trabalho no ano que vem, com a admissão dos novos municipais!



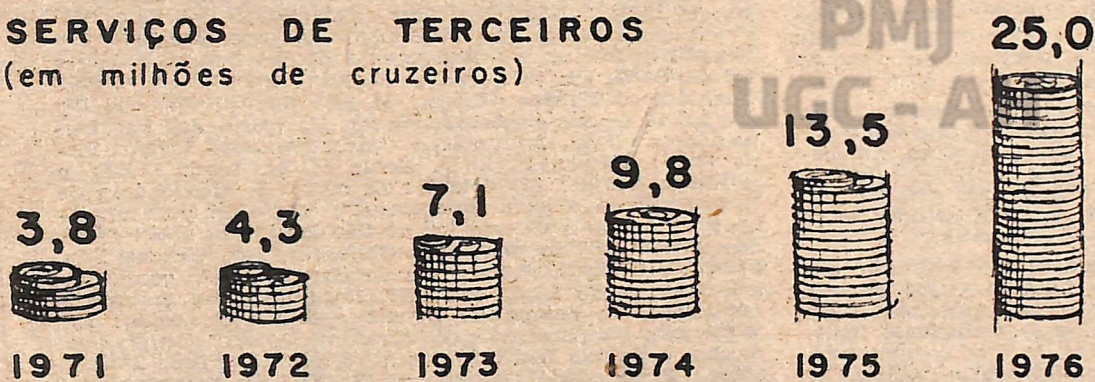
TERCEIROS: CADA VEZ LEVANDO MAIS

Serviços de terceiros — Este é outro item pe-

sado do orçamento, e que vem crescendo de forma espantosa. Ve-

jam os números em milhões de cruzeiros.

SERVIÇOS DE TERCEIROS (em milhões de cruzeiros)



Ocorre, portanto, um fenômeno curioso nesta administração. Quanto mais o funcionalismo, mais ela contrata serviços de terceiros!

No endividamento, o desrespeito ao Governo Federal

O orçamento prevê a obtenção de mais 181,3 milhões de cruzeiros, em operações de crédito. É a ciranda dos milhões que continua, em ritmo de frenesi. Só que vai aqui uma alerta à todos os responsáveis. O endividamento indiscriminado nos municípios e as projeções fantasiosas, feitas para justificar empréstimos insuportáveis, já despertaram a atenção do presidente da República, que resolveu dar um basta a todo este abuso. Em recente resolução, já no Senado, o

presidente Geisel fixou limites máximos para os compromissos que podem ser assumidos. Ficou estabelecido que o **montante global da dívida do município não pode exceder 70% da receita realizada no exercício anterior.**

Como a nossa receita, em 1974, foi de 76,9 milhões, isto significa que, dentro deste conceito, o total das dívidas em 1975 não poderia exceder 53,8 milhões! A Câmara de Jundiá, tendo autorizado

empréstimos no montante de quase 300 milhões de cruzeiros, excedeu em 6 vezes o limite máximo admitido pelo presidente da República.

Lembrando, ainda mais, que a maior parte destes empréstimos se destina a obras realizadas dentro de um contrato que foi objeto de uma Comissão Especial de Inquérito, e que foi considerado lesivo ao município, pode-se perceber o grau de cuidado com que nossas coisas públicas vêm sendo tratadas.

Batendo palmas. De ouro.

• **Divulgação e Publicidade** — Está consignada, para o gabinete do prefeito, uma verba de **dois milhões de cruzeiros** para divulgação e publicidade. Outras seções também estão sendo aquinhoadas: 400 mil para a Diretoria Administrativa, 285 mil para a Secretaria de Educação e Cultura (sob o título de divulgação cultural e cívica), 260 mil para a Comissão de Turismo etc.

Ao todo, cerca de **três milhões de cruzeiros** de dinheiro do povo que se prevê gastar, no ano que vem, com essa propaganda que o atual Governo vêm fazendo de si próprio, num esforço de criar, junto ao público, uma imagem de eficiência e de realizações inteiramente em desacordo com os fatos reais.

Luzes, ação! Vêm aí as eleições

Iluminação — Estão destinados, no orçamento, **16 milhões de cruzeiros** para extensão da rede de iluminação pública. Ano de eleição, ano de iluminação. Só que, desta vez, no padrão do atual governo, que tudo faz em escala grandiosa. Se ainda esta iluminação clareasse de vez a cidade, eliminando tudo o que ela tem de escuro e de sombrio, até que seria bom. E a profusão de luz talvez propicia bom cenário para a apoteose final do atual governo, com a personagem principal travestida de "Rei Soleil" e declamando, com propriedade: "Après moi, le déluge".

Nos juros, o prenúncio da tempestade

Juros — Deverão ser pagos, em 1976, Cr\$ 21.640.000,00 a título de juros da dívida pública. Os senhores vereadores da famosa "maioria alinhada" estão prestando atenção a este dado? Percebem que isso representa apenas o prenúncio da tempestade de compromissos que eles armaram sobre esta cidade? Tem por acaso noção do sacrifício imposto ao povo quando aprovaram o endividamento brutal do município para a realização de obras faraônicas a preços inconvenientes? São 21,6 milhões, só de juros, por conta das primeiras parcelas dos empréstimos, que o grosso financiamento ainda está em processo de obtenção ou de carência! Tem idéia, os senhores vereadores, do vulto dos encargos que **desabarão** sobre o município? Ou nem tiveram tempo de pensar nisso, quando decidiram, de afogadilho, aprovar os empréstimos absurdos?

A aula de Montoro sobre o desenvolvimento

"Todos estão de acordo, cientistas e estudiosos, que o grande problema é o desenvolvimento. Mas, no que consiste o desenvolvimento?"

Montoro abriu a sua conferência. E falou:

"Para muitos, o desenvolvimento se confunde com o aumento do Produto Interno Bruto, o PIB. Que é PIB? É a soma de todos os bens produzidos dentro do País durante um ano; se nós dividirmos esse produto geral, esse bolo, pelo número de habitantes, teremos a chamada renda "per capita". E para os tecnocratas, que substituíram em muitas posições os advogados, o desenvolvimento se mede pelo PIB ou pela renda "per capita". Assim pensam alguns homens públicos do Brasil, como se fosse esse o indicador fundamental do desenvolvimento de um País.

"É fácil verificar que essa visão é errada. Se o Produto Interno Bruto dividido pela população, isto é, se a renda "per capita" fosse o indicador fundamental do desenvolvimento, o Kwit seria um dos países mais desenvolvidos do mundo, porque tem uma renda "per capita" que se aproxima dos cem mil dólares. Mas o Kwit é um país sabidamente atrasado. É que a renda "per capita" é um dado teórico, abstrato; não é um dado concreto e humano. Esse dado abstrato, que se obtém dividindo o bolo entre a população, é totalmente absurdo; é uma métrica aritmética, teórica, abstrata. Se tomarmos duas pessoas, uma ganhando 1 salário-mínimo e outra ganhando 100 salários-mínimos, a média é de 50 salários-mínimos e meio — só que um está ganhando 500 cruzeiros e o outro 50 mil cruzeiros. Em linguagem popular, se eu como um frango e você come nenhum, em média nós comemos meio frango cada um. É, portanto, uma média abstrata. Outra comparação: se eu colocar um homem com os pés no fogo e a cabeça na geladeira, a temperatura média é boa, mas ele estará dando berros.

"É por isso que não podemos nos contentar com médias abstratas. O desenvolvimento, definitivamente, não é isso. O desenvolvimento tem outras dimensões. Numa definição lapidária, proposta como título da Encíclica de Paulo VI sobre o problema do desenvolvimento, ao falar que desenvolvimento é o novo nome da paz, ele dava o nome: desenvolvimento é "Populorum Progresso", ou seja, o progresso das populações, o crescimento humano, o bom nível de vida das populações.

"E, ao examinarem o problema do desenvolvimento no mundo moderno, as maiores autoridades não se localizam apenas no aspecto econômico, mas vêm o desenvolvimento em todos os seus aspectos. Há o desenvolvimento político, o desenvolvimento social, econômico, cultural; mas o que marca o desenvolvimento é este esquema de quase todos os autores que examinam o problema: é a caracteriza-



SETE FILHOS, INTENSA ATIVIDADE POLÍTICA E DOZE LIVROS EDITADOS

"Sua vida é, por assim dizer, uma interminável sequência de conquistas e êxitos, uma espiral ascendente de galardões, e, acima de tudo, a afirmação da supremacia da serenidade e da perseverança sobre a turbulência e o esmorecimento. Não seria exagero dizer que estamos diante de uma dessas figuras que facilmente passam à imortalidade. Não daqueles imortais que pertencem à história estática, com descrição de um passado morto, mas daqueles que, no dizer de João Mangabeira, são como certas obras do engenho humano que nos encham de admiração e de assombro e que representam um período histórico: daqueles que por sobre o cemitério imenso do passado estimulam com suas luzes e seu saber a torrente irresistível da vida no seu fluxo perpétuo, borbotando".

Assim o advogado Reinaldo Ferraz de Barros Basile, vice-presidente da 33.a Subseção da OAB, de Jundiaí, procurou definir a figura de André Franco Montoro, no discurso de apresentação do líder do MDB no Senado, quando ele esteve na Câmara, terça-feira última, para proferir sua conferência dentro do Ciclo e Seminário de Estudos sobre as Prerrogativas dos Profissionais de Advocacia.

Em seu "currículo", André Franco Montoro, nascido a 4 de Julho de 1916, em São Paulo, filho de André de Bois Montoro e Thomazia Alijoste Montoro, casado com Lucy Pestana Silva Franco Montoro (filha de tradicional família jundiaíense) e pai de sete filhos, traz os seguintes títulos, cargos e atuações na vida profissional e política: 1) bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo em 1938; licenciado em Filosofia e Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo, também em 1939; doutor em Direito e Filosofia; 2) professor da Universidade de São Paulo e da Universidade Católica de São Paulo; regente de vários cursos na Faculdade de Direito e na Faculdade de Filosofia do Distrito Federal, em Brasília; 3) secretário-geral do Departamento do Serviço Social da Secretaria da Justiça de São Paulo (de 1938 a 1940); 4) vereador no Município de São Paulo (de 1950 a 1952); 5) deputado à Assembleia Legislativa de São Paulo (de 1955 a 1956); 6) deputado Federal por São Paulo (de 1959 a 1971); 7) presidente nacional do extinto Partido Democrata Cristão (PDC) e seu líder na Câmara dos Deputados em 1965; 8) vice-presidente do Gabinete Executivo Nacional do MDB entre 1966 e 1968; 9) senador da República pelo Movimento Democrático Brasileiro, eleito a 15 de novembro de 1970 para

o período 1971-78; 10) cumpriu dezenas de missões no Exterior, representando o Brasil em congressos e conferências internacionais, entre as quais se destacam: a) Conferência Interamericana em Defesa da Democracia e da Liberdade, na Venezuela, em 1959; b) 19.a Conferência Interparlamentar de Tóquio, em 1960; c) Missão Econômica do Brasil à União Soviética e à China, em 1961; d) Conferência Internacional do Trabalho em Genebra, 1962; e) Relações à Estabelecer entre a Comunidade Européia e a América Latina, perante o Parlamento Europeu, em Estrasburgo, em 1962; f) 21.a Conferência Interparlamentar de Belgrado, em 1964; g) 14.a Conferência Internacional sobre o Bem-Estar Social, em Helsinque, 1968; h) Assembléia Geral da ONU, em 1972, como delegado do Brasil e redator final das conclusões da tese; i) realizou conferências sobre temas de sua especialidade nas Universidades de Buenos Aires (1958), Montevideu (1958), Santiago (1958), Paris (1959), Bruxelas (1961), Roma (1963), Lima (1966) e Helsinque (1968); 12) detentor da medalha "Centenário de Nascimento de Clóvis Bevilacqua", conferida pelo Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo em 1960: "Ordem Al Mérito", do governo do Chile, em 1964; "Ordem San Bernardo O'Higgins", no grau de Gran Oficial, conferida pelo governo do Chile, em 1968; 13) Entre seus trabalhos publicados, no campo do Direito e fora dele, estão: a) "Princípios Fundamentais do Método no Direito" (1942), que recebeu o Prêmio Instituto dos Advogados; b) "Três Temas sobre a Propriedade", editado em 1945 (foi sua tese de doutoramento em Filosofia); c) "Curso de Instituições de Direito Privado", editado em 1949; d) "Ação de Investigação de Paternidade e Alimentos", também editado em 1949; e) "Verdade das Urnas — Princípio do Direito Eleitoral" (1951); f) "Condição Jurídica do Nascituro no Direito Brasileiro", editado em 1953 (Prêmio Instituto dos Advogados); g) "Integração Econômico-Social e Política na América Latina", editado em 1958; h) "Salário-Família", editado em 1963; i) "Ideologias em Luta", editado em 1966; j) "ABC dos Direitos do Trabalhador", editado em 1968; k) "Introdução à Ciência do Direito", dois volumes, editado em 1970; l) "Da Democracia que Temos para a Democracia que Queremos", editado em 1974.

Seu tema, na conferência proferida a uma platéia de juizes de Direito e do Trabalho, promotores, advogados e acadêmicos de Direito, além de um reduzidíssimo grupo de vereadores e um representante do gabinete do prefeito, foi "O Direito e o Desenvolvimento".

ção do desenvolvimento ou do subdesenvolvimento pela apresentação dos desvios. Ele se caracteriza quando se fala nos problemas básicos da passagem, da superação do subdesenvolvimento, para o desenvolvimento.

Nos debates sobre a Declaração Universal dos Direitos do Homem, um dos temas fundamentais é o direito de participar do desenvolvimento. O subdesenvolvimento é uma das maiores violações dos direitos do homem.

O que caracteriza o subdesenvolvimento do qual queremos sair?

Na linguagem diplomática, não se usa a palavra

subdesenvolvimento. Não há países subdesenvolvidos porque a expressão subdesenvolvido não é bem sonante. Então, divide-se o mundo em países desenvolvidos e países em processo de desenvolvimento. É um eufemismo para indicar uma realidade.

Mas o que caracteriza o subdesenvolvimento é fundamentalmente um desnível. E os autores apresentam quatro grandes linhas do subdesenvolvimento. Primeiro: o subdesenvolvimento caracteriza-se por um desnível entre nações — nações desenvolvidas e subdesenvolvidas, ou em desenvolvimento, para ficar na linguagem diplo-

mática. Segundo aspecto é o desnível entre regiões de um mesmo país — uma região desenvolvida e outras regiões miseráveis — grandes e graves desníveis. O desnível entre setores da vida econômica: a agricultura, a indústria, serviços. Desníveis entre classes sociais. São os quatro grandes desníveis.

Entre nações, o contraste que mais caracteriza o desenvolvimento, é a luta entre as nações industrializadas e as nações subdesenvolvidas. Esta é hoje a grande luta do mundo moderno. A luta real que se opera hoje, que se verifica nos congressos internacionais, que se pode fo-

tografar dos debates e encontros em todas as assembleias internacionais, é a luta entre os desenvolvidos e os subdesenvolvidos, é o que se chamava de Terceiro Mundo. Porque aquela oposição, por exemplo, entre União Soviética e Estados Unidos, entre capitalistas e comunistas, está de há muito superada. Nas conferências internacionais, a União Soviética e os Estados Unidos estão quase sempre juntos. E os países subdesenvolvidos prejudicados. Daí, as conferências sobre o desenvolvimento, feitas em Genebra, feitas na Índia, feitas no Chile, para exa-

(Conclui na pág. seguinte)

A aula de Montoro...

(concl. da pág. anterior)

minar o problema dos países cada vez mais ricos e países cada vez mais pobres, com diferenças de rendas impressionantes e níveis de vida também. Há países com média de vida entre 38 a 40 anos e outros entre 70 a 80 anos; mortalidade infantil variando de 30 por 1.000 e 500 por 1.000. Exemplos que poderiam ser exibidos em todos os setores e que caracterizam o desenvolvimento por esse desnível, que se agrava com o problema do comércio internacional. É através do mecanismo de compras e vendas no plano internacional que se dá o enriquecimento, e cada vez maior, das grandes nações e o empobrecimento das pequenas. Através de alguns problemas ou questões que existem no mercado internacional, um deles é o chamado preço dos produtos primários. Os países em desenvolvimento, quase todos vivem da exportação de produtos primários. Se nós tomarmos, por exemplo, o Brasil: 1.º produto, no ano passado, o açúcar; 2.º, o café; 3.º, a soja, a carne, ferro, todos produtos primários. Os primeiros industrializados estão todos lá embaixo, uma parcela mínima. E assim, outros países: cobre, trigo, etc.

O que acontece no mercado internacional?

De um modo geral, os países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, exportam os produtos primários e importam os produtos industrializados. E acontece no plano internacional que os produtos primários perdem o seu valor sistematicamente e os industriais, os equipamentos, aumentam o seu valor. Toda circunstância, quem fixa o preço do produto primário é o comprador: são as nações industrializadas. E quem fixa o preço dos produtos industrializados é o vendedor: são as nações industrializadas. Então, ficam duas partes, o resultado qual é? É o empobrecimento, é a luta.

A batalha do petróleo, que está agora à nossa vista é uma reação de um grupo de nações que resolveu fazer uma espécie de sindicato para lutar pela valorização de seus produtos, talvez haja complicações maiores do que... mas esse problema, em relação ao Brasil, segundo pude ver — para citar apenas dois documentos oficiais — um, na segunda conferência das Nações Unidas sobre comércio e desenvolvimento, o então ministro das Relações Exteriores do Brasil apresentou os seguintes dados efetivos: as exportações brasileiras de 1967, se fossem realizadas aos preços de 1953, a nossa receita de divisas teria sido de 2,5 bilhões de dólares, ou seja mais de 800 milhões de dólares do que a obtida. Pelo mesmo raciocínio, nos anos de 1954 a 1966, o Brasil deixou de receber 5 bilhões de dólares, ou seja, mais do que toda ajuda externa recebida nesse período.

É fácil de se compreender: por exemplo, se há 5

anos eu comprasse determinado equipamento pelo preço de 10 sacas de café, eu havia perdido mais 10 ou 20 sacas para comprar esse mesmo equipamento. Eu posso trabalhar mais, produzir mais, exportar mais, e ganho menos.

E na mesma Conferência: se o preço é o primeiro aspecto do desenvolvimento: nas relações entre nações.

É um problema sério, complexo, há muita coisa para ser feita. Homens do direito tem uma grande parcela, uma grande responsabilidade.

Desníveis entre regiões.

Se nós compararmos outras nações com o Brasil, vamos notar diferenças entre nações des. e em des. Em todas as nações há diferenças. É impossível se pretender uma igualdade absoluta. Mas há diferenças brutais, como, aliás, no Brasil. A situação do Nordeste ou da Amazônia, comparada com a do Centro-Sul, são completamente diferentes. A diferença que há entre o Brasil industrializado, com uma grande renda "per capita" por exemplo, é a mesma que existe entre o Piauí e o Maranhão, que têm a menor renda "per capita", e a renda "per capita" dos Estados do Centro, Centro-Sul, São Paulo, Guanabara, Paraná.

O estado de abandono do Nordeste é impressionante. Quem assistiu à peça de João Cabral de Melo Neto, "Vida e Morte Severina", viu, concretamente, alguns aspectos daquela realidade que de uma forma tão teatral e artística, mas de uma forma bastante grave, foi descrita pelo presidente Médici, quando visitou o Nordeste, na ocasião da seca, em 1970. Ele voltou dizendo: "Não queremos que eu fosse ao Nordeste, mas eu fui, resistindo, passando por cima de aconselhamentos e pressões" (é evidente que se não queriam que ele fosse, não eram o ascensorista ou o motorista do palácio, deviam ser pessoas de alta qualificação na hierarquia ministerial). E ele foi e disse: "O que eu vi no Nordeste é algo que não se pode conceber: com miséria, exploração. Eu ouvi dizer que há gente comendo uma pasta, que deve ser uma comida sem sal, na terra das salinas. E a exploração do homem, a dilapidação de verbas, uma situação que eu não imaginei que pudesse existir no Brasil. Essa situação não pode continuar assim", disse o presidente Médici. E o que é grave, é que a diferença é cada vez maior.

Aplicam-se incentivos no Nordeste — saiu uma legislação especial de proteção ao Nordeste. De início os incentivos se aplicavam totalmente no Nordeste. Mas logo depois começaram a surgir outros incentivos e a aplicação dos incentivos no Nordeste caiu: começou com 100%, passou para 80, 60, 40 e, neste último ano, 20%, os incentivos fiscais aplicados no Nordeste.

O terceiro aspecto é o

desnível entre os setores da economia, entre o primário (agricultura, indústria extrativa), o secundário, representado pela indústria de transformação e o setor terciário representado pelos serviços. É uma constante que marca o subdesenvolvimento, o desequilíbrio entre esses setores. O setor serviços, o setor industrial e o setor da agricultura.

Eu ouvi de um homem simples esta expressão que pode ser um pouco dura, mas que caracteriza bem o fato: se houver, de um lado, divergências entre o agricultor e o industrial, em pouco tempo o industrial acaba comprando a sua fazenda; mas se houver uma divergência entre o industrial, o agricultor e o banco, em 120 dias o banco passa a indústria e a fazenda. Porque há uma proteção especial ao comércio? Ao banco? A realidade é que a agricultura exige uma proteção muito maior, porque os riscos da agricultura são enormes, desde a compra da terra ou o arrendamento, ao preparo da terra, ao plantio da semente, a luta contra problemas, moléstias, pragas. E depois a colheita tem que ser rápida, pois são produtos perecíveis. E o industrial tem muito mais segurança. E no banco a segurança é total.

A mesma lei aplicada à agricultura, à indústria e ao banco, por exemplo, faria com que, em pouco tempo, tudo caísse nas mãos do banco. Esse liberalismo econômico é superado, é como se eu colocasse num lugar um gato e um rato e dissesse: vocês estão livres aqui. E' nesse sentido que Bondelaire dizia: diante de situações desiguais, a liberdade escravidão, é a lei fiscal, a lei tem essa função quando as situações são desiguais. Há necessidade de uma legislação de proteção especial àquele que mais precisa. E' outro aspecto do subdesenvolvimento. É por isso que outros países, os Estados Unidos, por exemplo, os bancos, ao contrário do que aqui se dá para que os bancos sejam cada vez maiores, e poderosos, ali o banco é de cada cidade, é o Banco de Chicago, é o Banco de Boston. Essa descentralização impede que haja uma grande desproporção, que os sistemas tecnocratas acham que é melhor termos a grande empresa, o maior banco do mundo, o maior isso, o maior aquilo. E' preciso olhar os aspectos humanos.

E, finalmente, o quarto aspecto, o desnível entre classes sociais.

Existe esse desnível no Brasil. Se fôssemos uma nação como a Alemanha, Suécia, Inglaterra, França, a diferença de classes é pequena, a diferença de salários é relativamente pequena. Há um certo equilíbrio. O salário é a quota que cada um de nós recebe. Algumas legislações, a inglesa por exemplo, possuem uma norma estabelecendo que o menor salário tem uma faixa superior que atinge a 15 vezes. Os autores discutem

A atuação do MDB na superação da crise



Encerrada a sua conferência, Montoro reuniu-se com amigos, correligionários, juizes e advogados da Comarca de Jundiá, para um bate-papo mais informal, na chácara do dr. Jacyro Martinasso. Nessa oportunidade, o senador concedeu uma entrevista exclusiva ao **Jornal de 2.ª Feira**, comentando os acontecimentos que nos últimos dias movimentaram a opinião pública brasileira, especialmente relacionados com a problemática institucional.

O líder do MDB no Senado afirmou que "a situação nacional já está tranquila", pois a crise havida "foi enfrentada com serenidade pelos vários setores da comunidade brasileira, tais como o Congresso Nacional, os sindicatos de jornalistas e as organizações universitárias, que estiveram diretamente envolvidos no problema".

"Por outro lado — acentuou —, houve um certo entendimento entre todos os responsáveis, as lideranças políticas, enfim, para que, colocando a problemática nacional acima das divergências partidárias, pudéssemos encontrar um meio de superar todas as dificuldades e encontrarmos o caminho da normalização da vida pública brasileira."

Relativamente à cooperação do partido oposicionista para a superação da crise, Montoro disse que "o MDB se portou com muita elevação, pedindo ao mesmo tempo à ARENA que não colocasse o problema em termos partidários, o que poderia contribuir para o agravamento da situação".

"O problema e a crise interessavam, muito mais do que aos nossos partidos, ao próprio País, à própria Nação. E o MDB colocou o problema nessa perspectiva nacional, evitando que ele se agravasse. Se o MDB fosse atacar, ofender, acusar o Governo pelos acontecimentos registrados, certamente a crise teria se agravado; pelo contrário, procurou contribuir para que ela fosse superada."

ELEIÇÕES

Indagado sobre a possibilidade — já aventada pela imprensa — de alguma mudança no ministério do presidente Ernesto Geisel e também possível adiamento das eleições municipais de 1976, o senador Franco Montoro negou a existência, em Brasília, de qualquer informação oficial nesse sentido.

Referindo-se mais especificamente às eleições municipais previstas para o ano que vem, Montoro conclamou a juventude, as donas-de-casa, os universitários, professores, empresários, enfim, todos aqueles que tenham alguma possibilidade de atuação e liderança a colocarem essa liderança a serviço da coletividade, participando da vida pública, seja com vistas ao exercício da vereança, seja visando à Prefeitura. "A vida pública não pode e não deve ser abandonada — afirmou —, pois, do contrário, a situação dos municípios, já agravada pela redução dos recursos que tinham até anos atrás, estará cada vez mais sacrificada. É muito importante que se levante uma bandeira municipalista. A própria Constituição, em seu artigo 1.º, se refere aos municípios como base da República brasileira. Se os municípios forem fracos, a República será fraca. É essa uma ameaça que pesa sobre o nosso desenvolvimento — a ameaça de termos um país gigante com os pés de barro, ou seja, com as bases enfraquecidas. Por isso, é importante fortalecer as bases da República, que são os municípios."

que deveria ser 12 vezes, que significaria que um homem iria receber num mês o que um outro precisaria trabalhar um ano para receber.

Tivemos uma lei no Brasil, anos atrás, em 1960, o limite de maior salário no Brasil é de 18 vezes. Qual é hoje a diferença entre o menor e o maior salário no Brasil? Há um dado oficial e o oficioso. O dado oficial: nas autarquias municipais o salário é fixado à base de salários mínimos. Quanto ganha o diretor-presidente de uma autarquia municipal em São Paulo? 12, 15, 18, 58 salários mínimos. E a informação oficioso — a matéria não é objeto de publicidade — é que já foi elevado para 100 vezes, passa a ser 50 mil cruzeiros. Ora, o funcionário que ganha 57 salários mínimos deve estar ganhando 20 a 25 mil cruzeiros. Esse salário não corresponde à remuneração do arquiteto, do engenheiro, do advogado, que é pago por uma grande empresa. O absurdo, a in-

justiça aí no caso, está que outros ganham 57 vezes menos. Esses são os índices de desenvolvimento e subdesenvolvimento.

O que eu quero caracterizar é que esse não é um problema de tecnocratas, é um problema de justiça — justiça nas relações internacionais, justiça distributiva, justiça social, esse é um problema fundamental. Daí, o grande papel que tem um advogado, que tem um jurista, porque ele é o homem que trata da justiça. Ele é o homem cuja finalidade no trabalho que realiza todos os dias é procurar dar a cada um aquilo que é devido, realizando isso através de toda a sua atividade".

MUDANÇA?
IRMAOS VIEIRA
TRANSPORTAM MELHOR
1000 100
FONES: 4-0229 - 6-5086



Paulista F.C.

50 anos de glórias

(8.a parte)

Além da partida contra o "Palestra Itália", da qual se saiu vitorioso por 2 tentos a 1, o Paulista realizou, no ano de 1919, vários outros jogos amistosos, tanto em seu campo quanto em outras localidades. Um deles foi contra o Antarctica FC, vencido pelos escores de 5x1 e 6x1, respectivamente, nos 1.º e 2.º quadros, que valeu ao tricolor jundiaense a conquista da taça mostrada na quarta parte desta história.

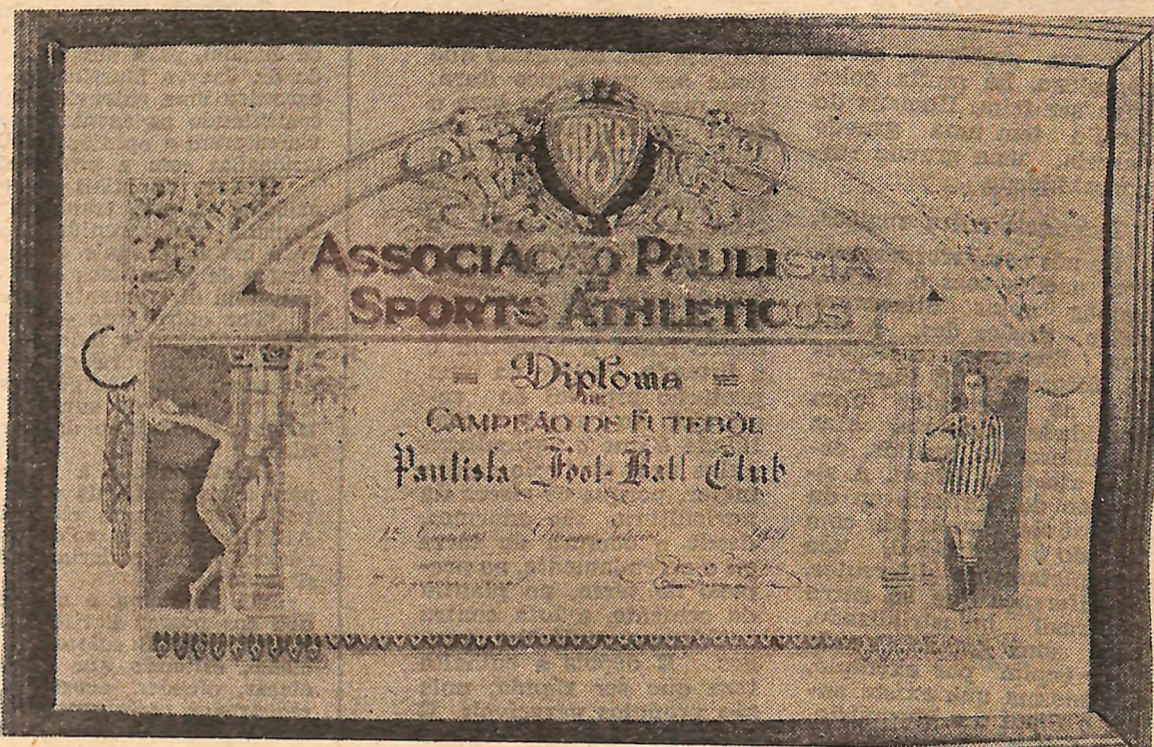
A 14 de julho o Paulista foi convidado para a festa de aniversário do EC Sírio, da Capital, então considerado um dos grandes clubes do futebol paulista. O jogo foi realizado no campo do Sírio e a vitória dos jundiaenses foi por 2 tentos a 1.

A 27 de julho houve um festival esportivo em benefício do Hospital São Vicente de Paulo. O adversário do Paulista foi a Associação Atlética Mackenzie e o jogo terminou empatado por um tento.

A 10 de agosto o tricolor realizou mais um jogo em Jundiaí, dessa vez contra o CA Americano, vencido pela exagerada contagem de 16 gols a 0.

A 7 de setembro, enfrentando o CA Ipiranga, o Paulista não foi além do empate por 1 tento. Já no dia 21 daquele mesmo mês, vindo jogar em Jundiaí, a AA Mackenzie venceu o Paulista por 1 a 0. O gol do clube visitante foi assinalado pelo extraordinário zagueiro Barthô (na época titular do Selecionado Paulista), que atirou a bola de sua zaga à meta de Bruno, colhendo de surpresa o goleiro do tricolor. A bola viajou sobre o campo todo, passando por cima de vários jogadores, sem tocar em nenhum deles, indo terminar sua trajetória no fundo das redes de Bruno.

Em 19 de outubro os jundiaenses retribuíram a visita do CA Ipiranga, indo jogar no campo deste, em São Paulo, onde colheu outro empate por 1 tento.



Primeiro título estadual do Paulista F.C.

Além dessas partidas, realizadas contra clubes pertencentes à 1.ª Divisão da APEA (que corresponderia hoje à Divisão Principal da FPF), o Paulista recebeu convites para jogar com o Guarani FC, em Campinas; com o Rio Claro FC, na cidade de Rio Claro; com o Comercial FC, em São Carlos; e com o Corocabano FC, em Sorocaba. Nenhum desses convites, entretanto, pôde ser aceito pelo tricolor, por falta de datas disponíveis.

Evidentemente, 1919 foi um ano em que o Paulista brilhou intensamente. Prova eloquente disso está no relato feito acima, da realização de vários jogos amistosos, além daqueles do próprio Campeonato.

Campeonato Interno — Não obstante, o grande impulso com as partidas amistosas e o Campeonato do Interior, um grupo de sócios formou o Campeonato Interno do Clube. Em 30 de maio houve uma

reunião desse grupo de associados interessados em participar desse campeonato, sendo então constituídos oito quadros, que receberam os seguintes nomes: **Quadro Nestor Machado** (uniforme verde, capitão — Pedro Giuntini); **Quadro Storch** (uniforme verde, capitão — Inácio Rodrigues de Paula); **Quadro Cassalho Júnior** (uniforme listrado de branco e preto, capitão — Alfredo Rodrigues de Paula); **Quadro Tibúrcio Siqueira** (uniforme nas cores preta e vermelha, capitão — Lázaro de Paula Rodrigues); **Quadro A. Wilians** (camisa branca, gola e punhos azuis, capitão — José Lamaneres de Oliveira); **Quadro Palestra** (uniforme verde e branco, capitão — Hermenegildo de Almeida); **Quadro Marcondes** (uniforme azul, capitão — Manoel Lopes) e **Quadro Santos Dumont** (camisas listradas de vermelho e branco, capitão — Amauri Ladeira).

O Campeonato Interno transcorreu normalmente, sendo suas partidas realizadas aos domingos, na parte da manhã. Os ingressos custavam: arquiban-

çadas, 1 cruzeiro; geral, 50 centavos. No final, sagrou-se campeão o **Quadro Tibúrcio Siqueira**, que recebeu como prêmio uma magnífica taça. Os jogadores que faziam parte desse quadro eram os seguintes: Lázaro de Paula Rodrigues, Ulisses Mazzola, Benedito G. Pompeu, José Rodrigues Branco, Maximino Andreucetti, João Pupo, Atilio De Nardi, Stéfano Zmyslowsky, Antônio Pinto Neto, Gil Adolfo, Augusto Pavaneli e Alexandre Nicolati.

Armário de taças — Possui o Paulista um vistoso armário-vitrina (hoje, infelizmente, em completo desarranjo, devido às obras que se realizam em seu campo e sede), especial confeccionado para guardar suas taças. Esse móvel foi ofertado pelo sr. Amadeu Guerrazi, que, por muitas vezes, emprestou o seu valioso concurso ao clube, como membro de sua diretoria.

Empréstimo de jogadores — O Paulista possuía jogadores de grande valor técnico, que eram constantemente assediados por outros clubes que

desejavam o seu concurso. Batata e Juvenal, por exemplo, fizeram jogos pelo Corinthians Paulista, emprestados a esse clube. O Minas Gerais F.C., outro grande quadro em 1919, reforçou o seu conjunto, com o concurso do goleiro Bruno, para um jogo de grande responsabilidade. O Amazonas F.C., para um jogo que reputava de muita importância, tomou emprestados ao Paulista os jogadores Paulino e Rosa.

Campeonato do Interior — Esse certame, em 1919, marcou a arrancada máxima do tricolor jundiaense rumo ao cobiçado título de Campeão do Interior, eis que, cobrindo-se de louros, conquistou ele para Jundiaí o seu primeiro feito esportivo. O Campeonato do Interior era dividido em zonas, cabendo aos campeões destas a disputa do título de "Primeiro do Interior." Concorreram na fase preliminar, na zona em que estava o Paulista, mais os seguintes clubes: Guarani e Ponte Preta, de Campinas; Rio Claro F.C., de Rio Claro; e o Corinthians Jundiaense. O Paulista venceu a todos seus adversários, sagrando-se, assim, campeão de sua zona. Com a continuação do campeonato, então já no ano de 1920, o Paulista foi conquistar o ambicionado título de "Primeiro do Interior".

No próximo capítulo, a campanha do Paulista para ser campeão do Estado.

JOSÉ FAGGIANO JÚNIOR

Jornal de 2.a

PROJETOS RESIDENCIAIS
CONSTRUÇÕES-REFORMAS
SERVIÇOS RÁPIDOS E SEGUROS

HIDROTECNICA
projetos e execuções

rua marechal deodoro - 303
(ao lado da Secretaria de Obras).

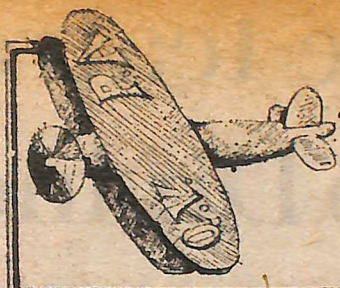
TAPEÇARIA
BRASIL
ESPECIALIDADE
EM TAPEÇARIA DE
AUTOS E MOVEIS

rua dr. torres neves n: 224
FONE: 6-5977

COMUNICADO

ABDORAL LINS DE ALENCAR, corretor de imóveis, sindicalizado (CRECI N.º 3416), comunica a seus amigos e distintos clientes que, em razão do desdobramento de sua firma ABITE — IMÓVEIS E TURISMO S/C LTDA., que passou a se denominar ABITE — TURISMO S/C LTDA., transferiu o setor de COMPRA, VENDA e ALUGUEL de imóveis para a rua Senador Fonseca, 1.303, onde já está em funcionamento sua nova firma, sob a denominação

A.G. Imóveis



O QUE VAI PELOS ARES

DISCOS



PAULINHO DA VIOLA

PAULINHO DA VIOLA (PHILIPS)

Incluindo entre as suas 12 faixas os sambas "Argumento" e "Amor à Natureza", esse long-play que tem a direção artística de Milton Miranda, nos dá a medida exata do grande talento poético musical de Paulinho da Viola, principalmente pela sua mais nobre e poética composição, "Amor à Natureza", onde Paulinho da Viola, talvez inconsciente de sua profundidade, nos dá, com sua poesia simples, uma verdadeira lição do que é, de fato, uma crise ecológica. De fato, mal o cidadão aprendeu que poluir significa lançar produtos nocivos no ambiente, as manchetes passaram a falar de "poluição visual", querendo com isso afirmar que há muitos cartazes e objetos antiestéticos pelas ruas. A crise ecológica, entretanto, é real. E, para explicá-la,

somente o talento, a poesia (que segundo Novallis "é o real absoluto") simples e pura dos versos de "Amor à Natureza". Um long-play precioso.

CHICO & BETHANIA "AO VIVO"

(gravação Phillips — "show" do "Canecão", no Rio de Janeiro)

Acabado de ser lançado na praça, esse LP é, por si só, independentemente de constar de catálogos, de paradas musicais, de estar ou não entre os mais vendidos, um "bolachão" que não pode, de forma alguma, deixar de fazer parte de toda discoteca que se preza. O que é que a gente vai falar de um negócio desses? Não dá, minha gente. A solução é sair correndo e comprar o long-play no "Charles", antes que acabe e você fique que nem umbigo de laranja baiana: por fora. Tá? (C.F.)

Semanários em pauta

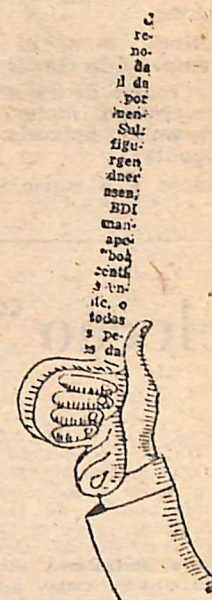
O "Estado de São Paulo" do dia 2 (o mesmo que publica uma carta de um cidadão jundiaense metendo a boca na situação política da cidade) estampa um anúncio de lançamento de "Aqui", um novo semanário, especialmente voltado para os assuntos da Capital.

Pelo jeito, os semanários estão, finalmente, tomando seu lugar na imprensa brasileira.

A propósito deles, aliás, a revista "Propaganda" (n.º 229) publicou uma interessante matéria, ressaltando também o valor do que a revista chama de "imprensa independente" como veículo de publicidade. Pra quem não sabe, a grande maioria dos anunciantes — e,

consequentemente, suas agências de propaganda — não têm grande entusiasmo pelos jornais independentes. E é fácil saber porque: esses jornais descompromissados não poupam pancada pra ninguém. No entanto, segundo "Propaganda", os públicos dos semanários possuem bom poder aquisitivo e abrigam a chamada "inteligentzia" brasileira — mercado, que os anunciantes deveriam ter em mente atingir. **Pesquis, Movimento, Opinião, Ex, Ordem do Universo e Crítica** são os hebdôs mostrados na reportagem.

De nossa (suspeita) parte, desejamos o maior êxito ao novo "Aqui". (E. M.)



CINEMA

Ensina-me a viver

Em reprise, no Cine BIARRITZ, em São Paulo, a encantadora e inesquecível história de Harold (Bud Cort) e Maud (Ruth Gordon), que trata, de maneira tragicamente poética, da história de um adolescente (Harold) fascinado pela idéia de morrer, em contraste com a fascinação pela vida de que era possuída sua única amiga, uma encantadora senhora (Maud) de oitenta anos.

O filme é uma obra-prima filosófica. Uma verdadeira lição de vida. Não deixe de ver ou rever. (C. F.)

O Casal

"O casal", cartaz atual do Cine Belas Artes (?), é um filme produzido por Tarcísio Meira, aproveitando um argumento de José Wilker. A fita não passa de uma versão bossa-nova de Joãozinho e Maria, com uma diferença: no filme, a "love story" vivida por José Wilker (Giocometti) e por Sônia Braga (Maria Lúcia), tem um final previsível desde as suas primeiras cenas, enquanto que, na historinha infantil de nossa infância, a gente não conseguia dormir enquanto não ouvisse o final feliz. Em "O casal", pelo contrário, a gente consegue perfeitamente. (C.F.)



ESCORPIÃO 23-10 a 21-11

Dominas o período, oh ser repelente e ignóbil. Porque esta ilha maravilhosa, tão cheia de beldades transatlânticas? Scorpions, um dia ainda chego lá, te piso, deito e rolo. Ah, sabes te defender? Pois conheço teus pontos fracos, mas não vou declará-los aqui.

SAGITÁRIO 22-11 a 21-12

Atraso na entrega. Péssima correspondência em geral. Início de remessa de lucros do 13.º. Vésperas das festas, muito serviço. Descuidos em geral. Telégrafo sem fio com in-

terferências. Muitas declarações à praça. Chi, não queria estar na tua pele.

CAPRICÓPIO 22-12 a 20-1

Que esperança! Quando todo mundo espera mudanças, só a Luzitana lucra, moreno.

AQUÁRIO 21-1 a 19-2

Uma época boa para tentar revitalizar a imagem. A turma começa o período das águas, bebe muito, sabes comé. As vezes, com jeitinho o aquariano manda ver, diz que tudo está muito bem, numa boa e foge do rapa geral. Se der, tudo bem.

PEIXES 20-2 a 20-3

O mar não está pra peixes, definitivamente. Quer dizer, pras piranhas nunca há tempo ruim. De todo modo, espere passar essa onda toda.

ARIES 21-3 a 20-4

Não beba. Nada. O lobo está de mal com chapuzinho vermelho. Ouvi dizer que ela não é dessas fábulas, não. E a vítima pode ser você!

TOURO 21-4 a 20-5

Como pode, você, velho

amigo, ter um filho tão garrote vil?

GEMEOS 21-5 a 20-6

Então, toda semelhança é mera coincidência?

CANCER 21-6 a 21-7

Sei que somos muito parecidos. Mas teu mal, é ser muito expansivo. As vezes isso é bastante prejudicial, você não entende?

LEÃO 22-7 a 22-8

Dizem que tua mulher está uma fera. Também, com esses teus amigos, o

Fantasma, o Tazã e Chita, comé, manera bichano.

VIRGEM 23-8 a 22-9

Pois é, às vezes eu penso que pode ser estimulante, mas podem crer, não leva a nada, pode crer. Por falar nisso, como foi de congresso da ASTA, no Rio? Pensou que fosse eucarístico, é?!

BALANÇA 23-9 a 22-10

Fim-de-ano é fogo. Nós aqui também achamos que tem que dar certo esse tal de balanço. Por acaso é seu parente?

PROF. FORDCORCELF

Puffs!

Mardi Gras é aquele tipo de oceano cujas ondas, em determinados momentos, adquirem tonalidades carnavalescas.

Cornucopia não passa do modelo de um sujeito enganado.

Peninsular: verbo intransitivo, da 1.ª conjugação. Significa expor certo órgão do corpo à intensa luz.

Manhattan é a fêmea de certa espécie de roedores.

Turbilhão: plano da ASTA para popularizar grandemente o turismo.

Marketing: nome de um famoso empresário chinês.

Outdoor: marca de um anestésico americano, muito eficiente quando aplicada na massa popular.

Franqueza é a capacidade

imensurável de resistir às investidas da morte.

Vox populi, vox Dei é a expressão usada quando se faz uma doação espontânea.

Tripudiar é o mesmo que repudiar, só que por três vezes.

Exorbitância é uma fazenda de tamanho exagerado.

Prócer é o partidário da doutrina do Existencialismo.

Lascívia: região onde por muito tempo se praticaram jogos e brincadeiras contrários à moral vigente.

Obcecado é o sujeito muito magro, por perda de líquidos no corpo.

Dízimo é o imposto cobrado pelo excesso de fé ou falta de confiança.

Alea jacta est é o que se diz quando se joga fora o cartão da loteca.

Artes plásticas e teatro na "III Expo" do Divino

Já está em andamento no Colégio Divino Salvador a "III Expo-Artes", organizada pelos seus alunos e professores, baseada em exposições de pintura, escultura, desenho, xilogravura, artesanato e trabalhos infantis (dos alunos do curso primário), além da encenação de uma peça teatral especialmente montada para o período.

A peça que os alunos do Divino montaram para esta "Expo-Artes" intitula-se "O Planeta dos Palhaços" e é dirigida, de modo específico, ao público infantil. Devido às dificuldades da falta de um local adequado para as apresentações, eles conseguiram, à custa de muito trabalho e imaginação, montar na escola um palco e respectivo cenário, onde se desenrola a história do planeta habitado por palhaços. A estréia ocorreu no sábado, repetindo-se a apresentação no domingo e estando ainda programados mais dois espetáculos para os dias 15 e 16 próximos, quando a "III Expo" terá seu encerramento.

LIVROS

O Batizado da Vaca

Esse livro, um lançamento da "Livreria José Olímpio Editora", prefacionado por Ruben Braga, apesar de que, quase na sua 20.ª edição, continua como um dos mais vendidos em todo território brasileiro.

"O Batizado da Vaca" se constitui num volume onde estão reunidos 20 contos que Chico Anísio oferece para delícia de seu público. Como contista ameno, Chico Anísio revela-se, pela leitura de suas saborosas estórias, um cronista agudo da comédia e da tragédia cotidianas do Rio e de São Paulo.

Entre os 20 contos que Chico Anísio narra de maneira gostosa e descontraída, destacam-se, além do que dá título ao seu livro, o "Não se põe amendoim nos ouvidos", "Viúva, porém difícil", etc.

Recomendamos, sem a menor hesitação, absolutamente certos de que "O Batizado da Vaca" pode, inclusive, tirar você do divã do analista.

Fazenda Modelo

Chico Buarque de Holanda que, graças aos seus indiscutíveis méritos de compositor talentoso, poeta maior, dramaturgo brilhante, cantor de voz envolvente, já tem uma cadeirinha cativa no coração de todos nós brasileiros, acaba de nos surpreender, mais uma vez, com o seu livro "Fazenda Modelo", publicada pela "Editora Civilização Brasileira".

Contrariando sua insólita aparência, "Fazenda Modelo" (novela pecuária) é um livro que nos leva a parar e meditar profundamente no cotidiano, no dia-a-dia, graças à desenvoltura e simplicidade de linguagem com que Chico Buarque de Holanda, esse gênio, com mais essa nova manifestação de sua capacidade intelectual, lança na consciência do leitor uma semente que germinará e frutificará em indagações, perguntas e respostas que, necessariamente, teremos de extrair de dentro de nós mesmos.

É necessário, é absolutamente necessário que você leia.

A Moreninha

Em nossas andanças pelas livrarias, ficamos agradavelmente surpreendidos ao constatar que, entre os livros mais vendidos, atualmente, consta "A MORENINHA", de Joaquim Manuel de Macedo. E, justiça seja feita, esse súbito interesse pelo romance do fluminense J. M. M., é devido a TV Globo, que, no horário das seis, está apresentando, a cores, uma adaptação magnífica desse romance que tem como cenário a Ilha de Paquetá.

Joaquim Manuel de Macedo, (1820-1882), o autor de "A Moreninha", nasceu em São João de Itaboraí, então província do Rio de Janeiro. Formado, em 1844, pela Faculdade do Rio, deixou a Medicina em favor das letras, e, embora tenha militado na política, no jornalismo e no magistério, foi no terreno literário que se tornou imortal.

Apelidado carinhosamente de dr. Macedinho, pelos intelectuais de sua época, J. M. M. foi, como romancista, um dos escritores que mais se identificaram com o meio pequeno-burguês do Segundo Império, dele extraíndo, com rara habilidade, todos os ingredientes que compõem seus romances e dramas.

Tanto como sua famosa peça teatral "Memórias de um Sargento de Milícias" (um clássico da dramaturgia brasileira), em seu romance "A Moreninha", Joaquim Manuel de Macedo proporciona aos leitores as duas coisas que lhe garantem eterna popularidade e atualidade: tramas e peripécias bem arquitetadas, e, sentimentos enredados e poéticos, bem ao gosto das nossas necessidades médias de sonho e aventura. Um verdadeiro "relax" para os nossos dias conturbados. Célia de Freitas

Coleção "Brasil Hoje"

LIVROS

O volume n.º 4 da coleção "Brasil Hoje", publicação da I.N.L.-MEC, intitulado "O Jovem deve saber tudo sobre os tóxicos", de autoria de Oswald Moraes Andrade, pode ser recomendado, sem dúvida alguma, como leitura obrigatória, não só para a juventude, como, principalmente, para os pais de jovens. Esse volume, constituído de sete capítulos, narra, de forma absolutamente digna, toda a tragédia do portador da dependência física ou psicológica dos tóxicos.

"O Jovem deve saber tudo sobre os tóxicos", termina com um decálogo de alerta (para abordagem dos pais aos filhos) aos pais, em relação a uma possível mudança no comportamento natural dos filhos (suspeita de um possível começo de toxicomania), decálogo esse, que, pela sua importância, passamos a transcrever:

I — Mudança brusca na conduta do adolescente.

II — Insônia rebelde (ele próprio se queixa ou os familiares observam).

III — Irritabilidade sem motivo aparente (por qualquer motivo origina-se a explosão nervosa).

IV — Inquietação motora, que faz com que o jovem não tenha paciência para acompanhar seus familiares nas horas das refeições. Mostra-se impaciente, inquieto, irritado, agressivo, violento.

V — Depressões — estados de angústia sem motivo aparente.

VI — Queda no aproveitamento escolar ou desistência brusca de estudar.

VII — Isolamento. O adolescente recusa-se a sair de seu quarto, evitando qualquer contato com amigos e familiares.

VIII — Mudança de hábito. O jovem passa a dormir de dia e fica acordado à noite, ouvindo seus discos com o máximo de volume e não se preocupando se está ou não molestando os outros. Encontro de comprimidos, seringas ou cigarros estranhos entre os pertences do adolescente.

IX — Desaparecimento de objetos de valor da residência e mesmo de dinheiro ou, ainda, um incessante pedido de dinheiro e cada vez em maior quantidade, a fim de atender à exploração do traficante para aquisição do produto que lhe determinou a "dependência".

X — Más companhias. As vezes os companheiros são os iniciadores dos adolescentes na seara do vício.

Circo Tihany

Dividido em duas partes, o espetáculo apresentado por Gran Tihany no Anhembi, em São Paulo, nos mostra as "Tihany Girls" imitando a guarda real in-

glesa; don Ramon e sua bicicleta de prata, os saltos em cama elástica e os seus famosos palhaços. Na segunda parte, miss Marion, equilibrista, o domador Reynaud e seus tigres de Bengala, o chimpanzé Johny e sua bicicleta.

Contudo, a grande atração do espetáculo é, ainda, o seu próprio dono, que, aliás, tem demonstrado no programa Silvio Santos, quase que semanalmente, uma "casquinha" do que ele é capaz.

Para o grande público apreciador de espetáculos circenses, o "Circo Tihany" é a melhor atração, em que pese os seus preços não atraírem quase ninguém. Os ingressos custam Cr\$ 300,00 (camarote para 4 pessoas), Cr\$ 50,00 (cadeira preferencial), Cr\$ 40,00 (cadeira central), Cr\$ 30,00 (cadeira lateral), e Cr\$ 20,00 (cadeira popular).

Enfim... menores de dez anos têm desconto.

JUNDI HOBBIES
BRINQUEDOS
PEÇAS P/DECORAÇÃO
TUDO PARA
PINTURA
E DESENHO
rosário. 550
fone. 4.3187

PIZZA
KIBES
LANCHES
DOCES SIRIOS
Pratos Árabes

aberto até às 4:00 hs.
da manhã

rosário 239 - ☎ 4-2669

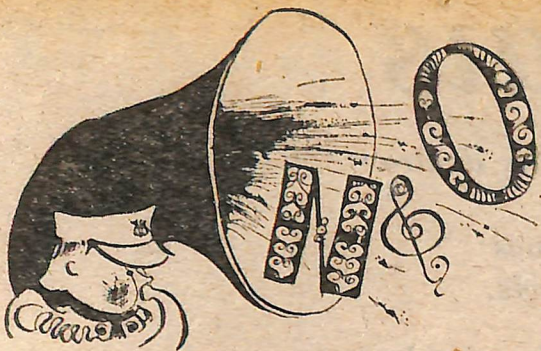
IBE
ADI

CONCERTOS
DE
TV, RÁDIOS
E TAPES
ELETRÔNICA
ANZOLIN
rua marechal, 533
telefone: 6-7683

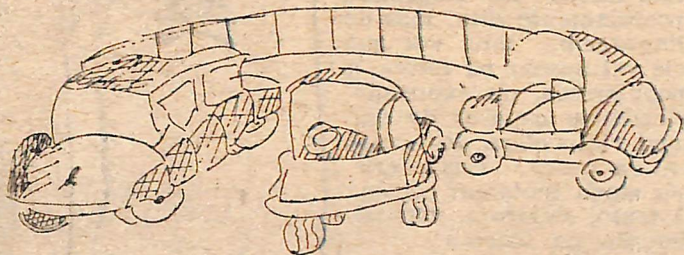
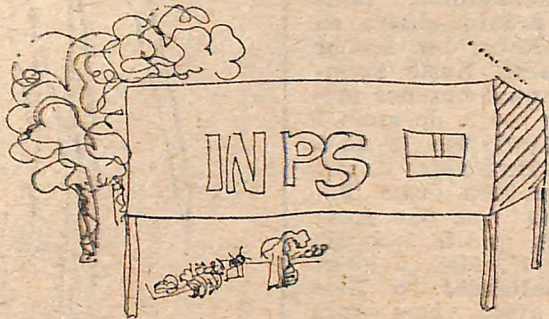
GRAND PRIX

MECANICA
OPALA E CHEVETTE

R. BANDEIRANTES 157 - FONE: 6-8456



ERRO DE CÁLCULO OU FALTA DE VISÃO?



Com a mudança da Divisão Médica do INPS para o andar superior do Centro Comercial Bandeirantes, surgiu um problema não previsto pelas autoridades competentes, mas que, desde então, vem acarretando sérios prejuízos para os locadores dos "boxes" comerciais existentes na parte térrea do mesmo.

Acontece que, desde que a DM do INPS ocupou a parte superior do Centro Comercial Bandeirantes, o estacionamento existente frente ao mesmo, fica tomado desde as primeiras horas do dia, pelos carros dos médicos e dos funcionários daquela Autarquia, impedindo, dessa forma, o estacionamento dos veículos das pessoas que vão àquele mercado de frutas e legumes, para comprarem frutas e legumes.

E não é só.

Os próprios fornecedores do Centro Comercial Bandeirantes, bem como os próprios locadores de boxes dali, não podem, por falta absoluta de espaço, estacionarem seus veículos naquele local.

Isso, parece-nos, é o fim da picada!!!

Erro de cálculo ou falta de visão, ou erro de cálculo mais falta de visão, o fato é que, assim como está é que não pode ficar. (Célia de Freitas)

CHICO BUARQUE EM PEDRA DURA

Chico Buarque e Paulo Pontes ("Brasileiro, profissão: esperança") estão preparando uma peça teatral, "Gota d'Água".

Mário Lago, convidado pelos autores, não pôde aceitar um dos principais papéis, devido a compromissos assumidos anteriormente, o que é uma pena.

Agora, resta torcer para que "Gota d'Água" encontre seus atores e que não aconteça a ela o que aconteceu a "Calabar": depois de montada, com elenco e tudo, a peça foi vetada pela Censura, causando prejuízo de alguns milhares de cruzeiros a Chico e Ruy Guerra, seu parceiro, então. (E.M.)

GLAUBER ROCHA NO "PASQUIM"

"Pasquim", n.º 331, da outra semana, traz uma carta-entrevista de Glauber Rocha simplesmente sensacional. E chocante.

Distribuindo pauladas a quem se atreveu a criticá-lo pelos seus contatos com o Governo Federal, na época da "distensão", Glauber coloca pontos-de-vista importantes a respeito de como os intelectuais (ele não usa esse termo, é claro) deveriam proceder para continuarem atuando dentro da nossa realidade.

Alguns trechos da carta, transcritos do "Pasquim":

"Considero Céso Furta-do, Darcy Ribeiro e o glamouroso Fernando Henrique Cardoso os três intelectuais mais geniais do Brasil (...) mas eles não são artistas. Como eu não sou cientista social. Vamos sair desta mediocridade intelectual. No Brasil, é necessário integrar Ciência e Arte!

"Quem combate a distensão é Carlos Lacerda. Se o Governo fala em abertura democrática, reformas econômicas, liberdade de expressão, anistia política, o Lacerda começa logo a dizer que o fantasma comunista vai comer as criancinhas. Espero que (o Lacerda) morra de câncer antes de 1978, pra que possamos ter uma sucessão democrática.

"Sou candidato à Presidência da República ou a governador da Bahia. (...) Se vos dei beleza cinematográfica, posso vos dar beleza política".

Glauber Rocha termina dizendo que está pobre porque não faz cinema comercial.

E pede que todos lhe mandem dinheiro, para que possa realizar seu novo filme: "(...) os brasileiros que me admiram FAVOR ENVIAR CHEQUES. Meu endereço em Paris é 15, Avenue Hoche, Films 13.

"Utilizando o "Pasquim", posso revolucionar a técnica de produção, recebendo antes a gaita. Não sou ladrão. Esta é uma forma de destruir produtores e distribuidores. (...) Eu sou o símbolo da Dívida Externa. Paguem!".

Glauber está vivendo num mosteiro, em Paris, por conta de santos monges, benditos sejam!

(E.M.)

A UM PASSO DA ETERNIDADE

Precisa-se com urgência de redatores. Senão este simpático jornal irá mudar de nome. Sugestão: Pé-na-Cova, por exemplo. Mas, os eventuais adversários que não se sintam distendidos, isso não. Tá certo que o Erazé esteja em tratamento da úlcera duodenal, que o Sandro se tenha acometido de violenta, primeira e semifatal crise renal, que este colunista que escreve esteja com tireoide e que tenhamos talvez um transplante em vista. Até aí, tudo bem. Mas, que o dono da tabacaria, do outro lado da rua, tenha do que se rir, isto não é verdade. Vocês, membros da oposição, vão ainda se ver conosco e muito. A situação não anda boa pro nosso lado, isto sabemos, como jornalistas conscientes que somos. O mal está nos atingindo gradativamente. Mas para tudo tem cura. Não se ria, não, seu Tonto, cara-pálida é a mãe. Ainda nos resta o fio da Esperança. Este não falha. Melhor sempre que os demais fios da... que andam nos boquirrotando pela aí. Daremos a volta por cima. Vamos sacudir o pó das estrelinhas (ou das entrelinhas?). Convoçaremos novas tropas de escreventes para atacar sempre as hordas dos mal-falantes que andam por aí. O mal nos atinge, agora. Sejam os complacentes. Deixemos que o Bonança nos socorra, ou mesmo o James West, mal comparando, talvez até o Silvio Santos ou o Amarel Neto, quem sabe. Aguardem o desfecho, aqueles que acreditam neles. Nós mesmo só cremos nos hipócratas desta terra. Para ser Franco, não nos falta muito, espero. Perdão, senhores.

EDUARDO

RISO FÁCIL, É?

Só mais uma coisinha: Chalaça rima com cachaca, mas dessa água eu não bebo. Sai pra lá, perobão, vai entubando um bom robalo que se minha mãe não tem condições, a tua pode ter. Mas não comigo.

EDUARDO

JORNALEIROS SEM VISÃO. OU CORAGEM?



Tem alguns jornalheiros insistindo ainda em negar a seus fregueses o direito de saber das coisas através do Jornal de 2.ª. Medo? Covardia? Pressão? Suborno? Não sabemos. Mas o fato é que temos visto nosso jornal escondido na parte dos fundos ou debaixo de outras publicações em diversas bancas da cidade, não dando chance ao leitor de vê-lo.

Ignorância em técnica de vendas? Pode ser.

Ei pessoal, vamos começar a agir direito? O interesse, afinal, é totalmente de vocês. Já examinaram o produto que têm aí para oferecer? É só mostrar que vende. Qualquer problema, fale conosco.

(C.F.P.)

DOENÇA APROVADA

A Câmara de Jundiá aprovou por unanimidade, em sua sessão da semana passada, um novo pedido de licença do vereador Hermenegildo Martinelli, pelo prazo de 30 dias, para tratamento de saúde. O vereador juntou ao seu requerimento um atestado fornecido pelo médico Danilo Checchinato, que comprova sua impossibilidade de comparecer às sessões devido ao agravamento do seu problema de visão. Salta aos olhos da gente, como um descomunal absurdo, o fato do regimento da edilidade jundiáense exigir que requerimentos desse tipo tenham de ser submetidos à aprovação do plenário. E se o plenário rejeitasse o pedido de licença, como se haveria o doente? Perderia seu mandato?

O MELHOR PLANO NACIONAL **60 MESES** A MAIS COMPLETA LINHA DE VEÍCULOS.

SEM ENTRADA, SEM JUROS E SEM RESERVA DE DOMÍNIO

CONSÓRCIO NACIONAL

Ford Administração e Consórcios Ltda.
Certificado de Autorização da Secretaria da Receita Federal 10/116

O ÚNICO COM GARANTIA DE FÁBRICA



A SUA GRANDE
CHANCE ESTÁ NA

VESCAM S.A.
Indústria e Comércio

AVENIDA JUNDIAÍ, 1465
TELEFONE: 4-0478

Interêçe gerais

Como nascemos em pleno centenário da imprensa jundiaense, este jornal passará, doravante, a cuidar da história das comunicações

em nossa cidade, apresentando, dentro do possível, os dados e os títulos que já foram usados, nas priscas eras, pelos jornais locais.

COMO todos podem saber, o primeiro jornal de Jundiaí, foi editado em 1875, e se chamava, singularmente, *Pyry-lampo*. É, um inseto, que portava, in convenientemente, uma certa luminosidade espontânea. liberto de reflexos ou outros estímulos que lhe proporcionassem falso brilho. Tere

uma duração efêmera, como todo inseto que se preze, e como tal, historicamente, tem-se apenas vagas informações de suas publicações, mencionadas aqui e ali, em certas rodas, nos meios mais conhecedores do assunto. O inseto, que lhe empresta o nome, esse também, vive hoje em extinção, ou vagueia menos, ou ilumina menos. Isto se deve à uma característica existencial do mencionado inseto, já que procura sempre estar em contato com a vegetação, os fundos dos quintais,

as soleiras e os alpendres, onde a prosa se desenvolva solta e liberta, distendida de fatores opressivos do lufa-lufa diário.

Desde então, vejam, 1875, ainda Império, nossa imprensa se desenvolveu celer e pródiga. Os demais títulos surgiram e os mais variados estilos de escrita foram sendo usados, para discriminar atividades da cidade. A função da imprensa jundiaense foi sempre a de servir os habitantes da cidade com informações e comentários que dissipassem dúvidas à res-

peito das coisas locais, fossem elas de caráter político ou não.

O Jundiahyano, por exemplo, "horgo deidente", ou órgão deidente, para que não se lhe confirmem dentaduras, tinha como redator-chefe, ou "Redatê-Xefre" o senhor Xico Monte. Neste exemplar, ao qual ora nos atemos, é o n.º 2. do anno 1 e foi editado em 13 do 5 do 1.900. Bem antes de você nascer, seu moço Você mesmo que não gosta de ler, que lê, mas diz que não lê. Mas, à guisa de trivialidades, o Xico Monte ataca, com rara manifestação de liberdade, não talvez de imprensa, propriamente dita, mas de linguagem, uma vez que ele vai buscar na forma, a popularesca, de expressão elementos capazes de dar uma visão clara dos eventos da época, coisa que nós ainda tentamos copiar. O texto, saboroso, vem aí descrito na íntegra:

INTEREÇE GERAIS — Quanto mais maior vai ficando a povoaçã, mais a camra vai arrecebendo o dinheiro dos impostos das casa dos proprietário da cidade. Ansin também é perciso que ella vá cuncertando a rua, as praça; carregando as água cuja e as varridura das casa de residência das famlias dos habitantes da cidade

O dinheiro q'a camra arrecebe dos impostos é pra gasto dos interêçe gerais; pra imbellezar as rua e pagar o peçuar municipal a trabaiares abaular e capinar o lugar. O resto que ficar do dinheiro dos imposto a camra deve empregar em biete de lotaria u em outro jogo quarquê; bota agua da serra não vale a pena porque a agua chega aqui fervendo dentro dos cano por causo do calor do sor que fais nos caminho inté chegá na cidade. Ceria mais bão intão a camra mandá fazê um poço grande e quem quizeçe agua que foce puchá na caçamba no poço, no lugar que a camara fizesse. Os camarista que veja q'assim não averá razão de quexa.

Em seguida, o Jundiahyano avisa: — "A pulicia vai puribi os rapais de batê de dia na porta das muier atôa".

E por aí caminha. Como podem ver existe um tom jocoso, primordial no trato dos problemas políticos da época. Esses assuntos nunca perdem sua atualidade e sempre podem ser abordados, como sempre o serão. Demos início ao segundo centenário da imprensa em Jundiaí e não foi à toa. Com tempo e espaço, voltaremos à carga, para mostrar outros aspectos do mesmo e eterno problema: o homem, sua terra, sua gente, descrita nas páginas dos jornais. Quem não se comunica...



Uma senhora capotada

Festa junina na Esportiva, quase 21 horas de uma fria e chuvosa noite de junho.

Chegou o Fernandão com a notícia de que umas "peças" haviam embarcado no ônibus de 20,30 horas rumo a Itatiba. Um desafio. Vamos tentar alcançá-las antes do desembarque.

Pé na estrada e no acelerador.

Muito barro e apenas um trilho de terra batida no centro da estrada. Muita velocidade e muita irresponsabilidade.

Não adiantou nada. Quando chegamos a Itatiba, os poucos minutos de vantagem do ônibus em um trajeto curto, nos fizeram entender que a correria tinha sido em vão.

E a possível aventura se traduziu apenas num bom sanduíche de mortadela que viemos comendo no caminho de volta. E o Nash era uma delícia na estrada. Um dos primeiros carros construídos no sistema monobloco, equipado com um espetacular motor de seis cilindros em linha, com sete mancais. Virava devagar em terceira perto da porteira da Vila Rio Branco, e subia rápido, passando pelas "casas da Companhia" em velocidade ascendente, precisando frear para virar à esquerda no começo da rua do Rosário, perto do hospital.

Estávamos no final do sanduíche, na altura do Guido Azzoni, quando a imprudência fez com que o Nash deixasse o trilho central da estrada e pegasse o barro mole lateral. Não deu para corrigir. O carro jogou a traseira, o Fernandão (não querendo dar sinal de ter perdido a confiança) apenas falou "Épa, Kid". Subimos num corte da estrada e descemos.

A saída tinha sido pelo lado direito da estrada. Na volta, o Nash veio de cima, na diagonal, apoiando-se na roda dianteira esquerda, dobrando logo o pára-lamas no meio. Com essa espécie de apoio na descida, a capotada foi na diagonal, com o teto do lado direito batendo novamente na estrada. Afundou bem em cima da cabeça do Fernando. Pára-brisas espatifado, o carro continuou até ficar novamente nas quatro rodas. Aquele susto. Ninguém machucado, felizmente. Basicamente, o acidente ocorreu porque viajávamos com todos os vidros fechados numa noite muito fria. Com a mudança de temperatura, em determinado trecho da estrada, o pára-brisas embaçou internamente, fazendo com que se perdesse a linha do centro da estrada, ocasionando o desvio na trajetória e o acidente.

Mas, de qualquer maneira, a imprudência de estar dirigindo àquela velocidade naquelas condições de piso e com uma mão ocupada no sanduíche de mortadela.

Descemos, trocamos um pneu avariado pelo pára-lamas e seguimos viagem. O problema seguinte foi colocar o carro na estreita garagem atrás do "jardim da Cadeia". A largura tinha aumentado e não cabia.

Agora, problema, problema foi "encarar o velho" na chegada da caçada que fazia em Mato Grosso.

ANTONIO CARLOS AVALLONE

EDUARDO